

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E  
INSTITUCIONAL

ANA PAULA GENESINI

**PERCURSOS ENTRE AFECTOS E CORPOS:** a criação de arquivos de  
experiência através de encontros narrativos com a juventude

PORTO ALEGRE  
2018  
ANA PAULA GENESINI

# **PERCURSOS ENTRE AFECTOS E CORPOS: a criação de arquivos de experiência através de encontros narrativos com a juventude**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Orientadora: Prof. Dra. Jaqueline Tittoni

Dissertação aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Profª Dra. Andrea Zanella

Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profª Dra. Gislei Domingas Lazzarotto

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Profª Dra. Rosemarie Tschiedel

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Alex Vidal

Historiador, mestre e doutorando em Educação. Membro do Núcleo de Pesquisa e Extensão PIPA – UFRGS

## DEDICATÓRIA

A minha família, com quem aprendi a importância e a naturalidade de chorar, de sorrir e de partilhar momentos.

Às amigas e aos amigos, companhias de percurso afectivo, em inquietação com o mundo.

Às jovens e ao jovens que inspiram viver em alegria, uma homenagem:

## O que é juventude

(Juh e Ludi)

Somos todos a nova geração  
Não podemos calar  
E muito menos esconder  
A nossa opinião

Uma jovem ostentando autoestima comove a sociedade  
Afrontrando todos os obstáculos  
Mesmo com as portas se fechando  
Resiste e não desiste de uma oportunidade

Nunca nos vemos como unidos  
Mas somos como uma roda  
E feriu um de nós  
Saímos todos feridos

As vezes compartilhamos pedido que ninguém vai atender  
E nossas conversas diárias  
Nem adulto, nem crianças  
São capazes de entender

Já pararam pra pensar como é ser jovem negro humilde  
É tipo tomar atraque dentro de um filme  
É tipo ser acusado do lápis que sumiu na sala desde a creche  
E a professora que nunca foi firme até o hoje finge  
Que nada acontece!

Cadê a esperança desse moleque?!

O que é ser jovem?  
É querer falar mas nunca pode  
O QUE É SER JOVEM?  
É querer se expressar

Mas ninguém vê  
A não ser que te provem  
Mas porque só as minhas palavras  
Já não te comovem?

Eu só quero que me ouçam  
Pare e pense  
Só por sermos adolescentes  
Não é sinônimo de ser inocentes

Somos como o meio disso tudo  
Deixando de ser criança  
E aprendendo a ser adultos

Por sermos tão parecidos  
É como falar sozinhos  
Mas eu converso com outro eu  
Que escolheu outro caminho

Por tantas misturas diferentes e iguais  
Somos a união do conhecimento  
E as vezes sem nem querer  
Trocamos ideias apenas por pensamento

E usamos nossos diferentes tipos de talentos

Pra lidar com problemas  
E com o mundo do nosso jeito  
Aprendendo a nos aceitar de tão grande maneira  
A nos orgulhar e bater no peito

**EU ME ACEITO**

Quero orgulhar minha gente  
Ser mulher preta periférica  
Contar até três e matar no peito  
Um comentário racista diariamente

Tantos modos e maneiras pra viver  
Mas nenhuma será valida  
Se encararmos o mundo deixando de nos tornar  
Tudo aquilo que nascemos pra ser

Ensinado a ser forte desde sempre  
Mesmo assim eles me olham diferente  
E isso é pior  
Que três cálices de aguardente

É difícil eu confesso, hoje em dia  
Procurar e encontrar o caminho certo  
É como navegar num computador  
Com a internet sem acesso

Temos raiva de ser tão jovens  
E a fila do tempo parecer não andar  
Porque desde pequenos criamos na mente  
Listas gigantes do que um dia ainda iremos conquistar

‘O que você vai ser quando crescer?’  
Pergunte quantas vezes quiser  
Mas nunca vai ser a mesma coisa  
Que eu vou te responder

Mas sabendo sua resposta

A profissão que eu escolher  
Pode ser tão ridícula  
Que é capaz de eu te esconder

Temos medo de não ser aceitos  
Pelo que escolhemos seguir  
E quantas vezes os adultos se pegam perguntando  
Pra que tanto mentir

Nessa sociedade onde querem nos ver enjaulados, ou até mortos  
Estar vivo nessa juventude já é sinal de militância  
Mas eles nunca vão tirar nossa voz  
Militância é pra eles  
Resistência é pra nós

## AGRADECIMENTOS

À vida, que me presenteia com a intensidade de existir em transformação constante. Pelos crescimentos, desafios, aprendizados, alegrias e amores que fazem do caminho surpresa e descoberta.

A minha mãe, fonte incessante de incentivo e apoio, também de paciência com minhas ansiedades e “gênio difícil”, como ela diz. Mulher guerreira que abraçou com todo seu ser a tarefa de me criar sozinha. Toda a gratidão do mundo, minha mãe, Sônia. Sua filha vai ser mestre, graças a tudo que você me ofertou e oferta. Eu te amo.

As minhas amigas e aos meus amigos - especialmente, às mulheres da minha vida - saibam que são a família que escolhi. Pela acolhida, pelas conversas, pela confiança e pelo amor que trocamos, vocês me preenchem de vontade de viver e de criar. São também força e coragem de fazer frente a um mundo injusto, desigual e opressor. Por vocês, é que sinto que nunca estou só. Estamos e seguimos juntas.

Às mestras e aos mestres que transmitiram a potência transformadora de realidade que contém o pensar, o escrever, o aprender. Este último, estado que nos acompanha durante toda caminhada.

À professora e amiga Gislei Lazzarotto por acreditar em mim. Por ser inspiração de mulher, profissional e ser humano em conexão com a intensidade que nos percorre. Dos afectos que nos habitam, brota a força e a beleza singular de nossa existência. Se hoje as afetações me são caríssimas aliadas, é porque me mostras-te que posso acolhê-las. O encontro contigo foi magia de abertura de espaço para construir um outro modo de ser e fazer, fiel às intensidades que também me percorrem. Devir-Gislei é contagiante.

À minha amada orientadora Jaqueline Tittoni pela acolhida, confiança e segurança com que me recebeste e acompanhaste durante todo este percurso tortuoso de trazer ao mundo esta escrita. Foste – e és – leveza, amorosidade e calma mesmo quando eu me sentia tormenta e furacão. Por tantos momentos que teve a sensibilidade de orientar sua escuta a mim, mais do que a meu texto, te tornas-te também confidente e amiga. Desejo que nossos caminhos tenham só começado a trilhar proximidade e presença. Há muito ainda a ser dito e feito por quem acredita numa ética enquanto prática reflexiva de liberdade, exercício de cuidado de si, em relação.

À educação pública, especialmente a UFRGS, que já há uma década tem sido morada, possibilidade de crescimento e realização de sonhos. A Letras e a Psicologia fizeram da leitura e da escrita ato de resistir e existir de forma mais implicada com o mundo, com o coletivo. A educação fez com que a política pudesse ser percebida, em toda e qualquer ação – ou não ação - restituindo o lugar de agentes de transformação e revolução em nossos modos de viver.

Mais uma vez, às jovens e aos jovens que marcaram meu corpo, espírito e mente com o inesperado, solicitando que eu criasse pensamento capaz de acompanhar a intensidade e complexidade de suas vidas. Estar com vocês me

encanta e preenche em alegria, carinho e esperança. Obrigada por permitirem que eu acompanhe alguns de seus corajosos passos, nos ensaios de viver.

Um agradecimento especial às jovens Julia e Anna Luiza, por terem presenteado a mim e aos leitores, com a escrita da poesia “O que é ser jovem?”. Tenho um orgulho que não cabe em mim de compartilhar viver perto de vocês e vê-las crescendo na velocidade da luz. Pequenas grandes mulheres valentes, inteligentes, alegres, amorosas...incríveis. Vocês são luz nos meus dias. Contem sempre e sempre com essa sora.



## RESUMO

O encontro com a juventude produz questionamento sobre os modos de pensar, produzir conhecimento e intervenção. Sua intensidade força um ato criativo do pensamento que se coloca a experimentar com a vida, a partir do lugar do corpo. A pesquisa com jovens, na relação com as políticas públicas nos coloca em contato com os dados de violência e morte, que tornam essas vidas notícias de cunho estatístico, índices para planejar gestão do viver e do morrer. O pensamento foucaultiano nos dá a pensar a infâmia de vidas com valor de notícia: de suas transgressões, de seus desajustes, de sua não correspondência à norma. Vidas que existem apenas por este discurso. Discurso dos índices de mortalidade juvenil, discurso dos índices de criminalidade juvenil. Contudo, estar com jovens é estar viva. Testemunhar alegria de quem ensaia viver, ainda que em arranjos sociais que podem produzir a legitimidade do morrer. No contágio com vidas que pulsam, intensas em sua criação de um modo de ser e estar no mundo, sentimos necessidade de abrir espaço para contar desta experiência, arquivo que dê passagem à complexidade destas vidas que transbordam discursos. Produzimos, então, encontros narrativos: experimentações em ato com a própria teoria que orienta esta dissertação, exercício de utilizar e ampliar o alcance dos conceitos, em contágio com a vida. Os encontros narrativos não se sustentam por sua extensão cronológica, mas pela duração sensível que percorre nossos corpos, a partir de sua vivência. Nestes encontros, a escrita oscila entre uma narradora pesquisadora, uma narradora coletiva, ou ainda, uma narradora que caberá a-ao leitor-a nomear. As noções de corpo e afecto, a partir de Espinosa, deslocam a prática com a clínica e atualizam o que pode a psicologia. No exercício com as palavras, operamos um modo de escrita que é afirmação de um posicionamento ético-estético-político em relação à formação, ao trabalho da psicologia e do pesquisar. É preciso implicar-se! E implicando-se, deixar-se percorrer e expandir pela potência da alegria. Uma clínica em abertura a experimentação de viver e deixar-se afetar, também produzir afetações, para compor corpos em trânsito, ao logo de nossa existência, acionados pela necessidade de criar espaço para o que nos marca, para as intensidades que nos pedem espaço e também corpo, em pensamento e produção de conhecimento. Uma clínica que não se assuste, nem iniba ou intervenha de forma a neutralizar o que nos toca, mas que utilize como aliado e elemento de análise essa relação singular com os afectos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo. Afecto. Juventude. Arquivos de experiência. Encontros narrativos.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO: DESAFOGAR.....</b>	<b>11</b>
<b>TORNAR-SE CORPO: da produção de um campo problemático.....</b>	<b>16</b>
<b>PENSAR UM MÉTODO: como se produz uma pesquisa no entre eu + corpo? 29</b>	
Um mapa do fazer-método .....	34
Alçar rumos de racionalidade sensível para criar arquivos de experiência .....	36
<b>TRACEJAR UM PERCURSO: encontros narrativos .....</b>	<b>42</b>
12 de maio de 2005.....	45
20 de julho de 2012, com 18 de janeiro de 2012.....	50
17 de novembro de 2014 e 13 de novembro de 2017 .....	56
25 de julho de 2018 e 04 de março de 2013 e 08 de agosto de 2016 e 15 de janeiro de 2016 e.....	65
<b>CORPO-SORA .....</b>	<b>69</b>
<b>CORPO ALÉM DA INFÂMIA.....</b>	<b>75</b>
<b>ENTRE NÓS .....</b>	<b>86</b>
<b>SUSTENTAÇÕES DE (RE)XISTÊNCIA .....</b>	<b>98</b>
<b>O DISSERTAR TRACEJA MAPA: pistas de experimentar (com) a vida e a escrita.....</b>	<b>108</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>114</b>

## INTRODUÇÃO: DESAFOGAR

Mas eu não estou interessado  
Em nenhuma teoria  
Em nenhuma fantasia  
Nem no algo mais  
Longe o profeta do terror  
Que a laranja mecânica anuncia  
Amar e mudar as coisas  
Me interessa mais  
Amar e mudar as coisas  
Amar e mudar as coisas  
Me interessa mais  
(Belchior)

Escrever é como que parar o tempo. Fazê-lo desvelar-se vagaroso, ao suave e perspicaz sabor de nossos olhos. Desemaranhar e escolher que pensamentos nos saem, que ordem nos cabe, ou tenta nos expressar. É tentar dar conta do que é mesmo que acontece dentro da gente, com o que acontece entre a gente, fora da gente, no mundo. E como fazer parar algo tão além do nosso alcance? Parece meio que tarefa pra super-heróina, pois escrever nesses tempos sem freios, guarda certo toque do sobre-humano, certo prenúncio do impossível, certo medo de não dar certo.

Escrever é poder imprimir sentido, marca de existência irreplicável, nessa cronologia dada - imutável e aprisionante – de viver os dias com hora marcada: hora dos outros, não nossa. Hora que corre, que não se sente. Hora que nos persegue com a ameaça da insuficiência, da ineficácia, do “você podia mais”. É tão batido reclamar do tempo, escrever sobre ele. Ainda assim, tão e mais necessário clamá-lo. Reivindicar sua subversão. (Re)construir um traço-trilha que marque mais o passo das pernas e da conexão das palavras, do que os ponteiros frenéticos por produzir, consumir e acumular.

Escrever é abrir espaço no tempo. Espaço pra dizer que sinto um tempo cruel e desumano, que se presta à quantificar, que pergunta diagnóstico, que mede dores por bulas de remédio, que observa inquieto a inquietude do outro e que se alivia quando encaminha casos aos serviços por eles competente. Cada coisa em seu lugar. Cada coisa em seu tempo. Cada coisa com tempo predefinido para começar e sobretudo, para terminar. Os sorrisos escapam, as histórias não se contam e as vidas seguem despertando ao marcar dos ponteiros, com o corpo cansado e rosto sem cor.

Incompetências do sentir a loucura de viver de arrasto, nas dobras duras dos ônibus que sacolejam por horas e nauseiam os estômagos daqueles que ousam ocupar seu tempo nas páginas dos livros, nas anotações virtuais de PDFs que desafiam ser estudados, para o tempo da próxima aula. Medo de não ter tempo: não ter tempo de ouvir e escutar, para além das contracapas e resumos que condensam horas, dias, anos de luta, exclusão, sentimento, sofrimento, vida...silenciamento...silêncio.

Ah, o silêncio. O silêncio também faz parar o tempo; mas, por vezes, o para em prisão. Tempo que é excesso para o espaço e nos deixa mudos, a observar a sensação de que nada acontece. No emaranhamento de tantos fios, paralisamos no não saber por onde começar, ou se é possível um começo. A alma cala e recolhe os desencontros e amarguras daqueles que não vivem em tempo algum: entre as lembranças de ontem, os medos e anseios do amanhã, há uma cabeça e um corpo incapazes de coabitar o mesmo tempo-espaço presente, vazio de desejo de se fazer presença e potência de construção. Angústia de viver um tempo que não é, como se a mente precisasse ir embora, para perto da esperança e da tranquilidade, mas o corpo pesasse e não fosse capaz de tele transporte.

Escrever o tempo entre a última visita a estas páginas e o agora, é falar do que foi, do que é e da incerteza do que será. É dar forma à angústia de, de repente, ver materializado o desejo de viver mergulhada de cabeça, no dia a dia de uma política pública, em suas concepções diversas sobre tempo, espaço, propósito, juventude e formação. É contar da complexidade de histórias, que preenchem os dias, da multiplicidade de cobranças, da enxurrada de demandas, da beleza dos encontros, sorrisos... até gargalhadas. Escrever este tempo é afirmar e confirmar que a vida mudou o plano e que ele não cabe mais nas expectativas, nas preparações, nas previsões de que já meio caminho se havia andado.

O meio caminho deu em trilha de areia - movediça e quase indefinida - que faz avistar a imensidão do mar, tão belo e cativante, quanto amedrontador. Minha mãe já dizia: cuida, no mar a gente não se segura em nada, filha.

Não havia mesmo caminho, caminhante, senão o caminhar...e deixar-se, neste tempo-espaço de percurso, se perder, surpreender e talvez, se reencontrar outra:

psicóloga, pesquisadora, trabalhadora...Ana - que já que não segura, tenta seguir no fluxo e nadar, as vezes, contracorrente.

Pequenas grandes mortes que nos fazem luto e também fênix. Escrever um novo capítulo é devir jovem, fazer-se corpo e renovar sonho, no encontro e desencontro com o mundo. E como algo sempre nos resta, a mim, permanece a escrita que faz vida e conta história de afirmar o presente, no que dele nos faz ver, dizer e porque não, sentir.

Não sei dizer se, nestas páginas, o leitor se encontrará certa forma tradicional da escrita de capítulos. Há aqui passos de um trajeto acompanhado, que dizem da experiência com a formação em psicologia, com a pesquisa, com o trabalho e, sobretudo, dizem do encontro com jovens. São os e as jovens que produzem possibilidade de questionamento sobre os modos de pensar, produzir conhecimento e intervenção. Forçam, com a resistência de suas vidas intensas, um ato criativo do pensamento que se coloca a experimentar com a vida, a partir do lugar do corpo.

É um corpo que chega aos locais, que nos leva, que nos faz ver e ser visto. Este corpo é percorrido por intensidades, muitas vezes desconsideradas e destituídas de sua importância na construção de existências e ações. Tornar-se corpo, dar forma que sustente e alimente a produção – de pensamento, escrita, trabalho, desejo, vida – se faz questão essencial, que movimenta e conduz a vontade de pesquisar e de narrar.

A pesquisa com jovens, em seus atravessamentos com as políticas de saúde, assistência, educação, Direitos Humanos e segurança, nos coloca em contato com os dados de violência e morte; com choques com o poder que tornam essas vidas notícias de cunho estatístico, índices para planejar gestão do viver e do morrer. Lembramos Foucault (2003), que nos dá a pensar a infâmia de vidas com valor de notícia: de suas transgressões, de seus desajustes, de sua não correspondência à norma. Vidas que existem apenas por este discurso. Discurso dos índices de mortalidade juvenil, discurso dos índices de criminalidade juvenil.

Estar com jovens é estar vivo. Testemunhar alegria de quem ensaia viver, ainda que em arranjos sociais que podem produzir a legitimidade do morrer. No

contágio com vidas que pulsam, intensas em sua criação de um modo de ser e estar no mundo, sentimos necessidade de abrir espaço para contar desta experiência, arquivo que dê passagem à complexidade destas vidas que transbordam discursos e produzem diferença, trazem o novo.

Estar atenta aos movimentos de viver, aos pequenos deslocamentos cotidianos que nos fazem exercitar nossa diferença e potência, no encontro e no entre nós, dá passagem ao posicionamento por uma escrita em proximidade com o que afeta, com a complexidade e impermanência de estar no mundo: corpo só. Produzimos, então, encontros narrativos: experimentações em ato com a própria teoria que orienta esta dissertação, exercício de utilizar e ampliar o alcance dos conceitos, em contágio com a vida. Os encontros narrativos não se sustentam, necessariamente, em sua extensão cronológica, mas na duração sensível que percorre nossos corpos, a partir de sua vivência. Nestes encontros, a escrita oscila entre uma narradora pesquisadora, uma narradora coletiva, ou ainda, uma narradora que caberá a-ao leitor-a nomear.

As noções de corpo e afecto deslocam a prática com a clínica e atualizam o que pode a psicologia. No exercício com as palavras, operamos um modo de escrita que é afirmação de um posicionamento ético-estético-político em relação à formação, ao trabalho da psicologia e do pesquisar. É preciso implicar-se! E implicando-se, deixar-se percorrer e expandir pela potência da alegria.

A aposta na escrita enquanto afirmação de vida e de diferença já é ferramenta que há muito acompanha meu percurso. Penso que o modo como escrevemos enuncia nosso posicionamento ético e político no compromisso com modos de viver mais livres e mais singulares. Transmitir e fomentar a experimentação com afectos, em nosso corpo – capazes de ampliar nossa potência de agir e com um conhecimento produzido a partir do encontro com signos (DELEUZE, 1988)<sup>1</sup> que acionam um ato de pensar criativo se faz, nesta pesquisa através de encontros narrativos: tentativas de abrir espaço para a experiência de viver afetivamente e de produzir um conhecimento em conexão com nossos corpos. A escrita desta dissertação aponta

---

<sup>1</sup> O signo é a violência que provoca o ato de pensar. O encontro com o signo força o pensamento a abandonar o modelo de reconhecimento. Para decifrar um signo é preciso uma ação criativa do pensamento.

para a possibilidade de um modo de fazer clínica, de ser psicóloga que não tem roteiro prescritivo, mas pistas importantes a serem consideradas na singularidade das intervenções e relações. Uma clínica em abertura a experimentação de viver e deixar-se afetar, também produzir afetações, para compor corpos em trânsito, ao lado de nossa existência, acionados pela necessidade de criar espaço para o que nos marca, para as intensidades que nos pedem espaço e também corpo, em pensamento e produção de conhecimento. Uma clínica que não se assuste, nem iniba ou intervenha de forma a neutralizar o que nos toca, mas que utilize como aliado e elemento de análise essa relação singular com os afectos.

## TORNAR-SE CORPO: da produção de um campo problemático

“É preciso corpo  
Que sustente mente  
Que forje pensamento  
Que ouse escrita”  
(diários de campo)

“A minha alucinação  
É suportar o dia-a-dia  
E meu delírio  
É a experiência  
Com coisas reais”  
(Belchior)

Poucas coisas na vida são realmente dadas como condições estabelecidas para além de nossa capacidade de concebê-las por nós mesmos, principalmente àqueles que se propõem a pensar os processos de subjetivação e os meios de desconstrução de formas percebidas como naturais-normais. Contudo, me parece cada vez mais evidente – e presente – o quanto a vida tem, dentre seus ingredientes principais, os ciclos - macros, micros, duradouros, fugazes, múltiplos, simples, complexos, tantos... Ciclos que, neste caso, menos dizem respeito ao desenvolvimento humano e seu derradeiro e ameaçador veredito final, a morte biológica do corpo; e mais de marcas de inícios, términos e recomeços incessantes, encadeados e mesmo, concomitantes. Vemos essas marcas enquanto gêneses de devir - abertura à diferenciação - e criação de novo corpo: efeito dos encontros e composições do viver que nos produzem estados inéditos. Marcas que se acontecem por signos que nos encontram (ROLNIK, 1993). E se o corpo que se ensaia nesses ciclos todo-parte da peça do viver, persiste a tantas estreias e despedidas, quer dizer que nada, dele, finda? Que nada dele muda? Qual seu papel entre os atos?

Precisamos fazer-nos o noutro, encarnando novas formas de viver, sentir e pensar, ao encontrar corpos. Em nossa existência, é acionada a necessidade de transformação da forma atual em que nos compomos-estamos, a partir da experimentação de fluxos, no movimento da vida. Processo, de certo modo, violento, atravessado pelo desassossego, enquanto experiência de ser convocado a criar corpo que acomode novas conexões de diferenciação, advindas de viver:



“E assim vamos nos criando, engendrados por pontos de vista que não são nossos enquanto sujeitos, mas das marcas, daquilo em nós que se produz nas incessantes conexões que vamos fazendo. Em outras palavras, o sujeito engendra-se no devir: não é ele quem conduz, mas sim as marcas. O que o sujeito pode, é deixar-se estranhar pelas marcas que se fazem em seu corpo, é tentar criar sentido que permita sua existencialização - e quanto mais consegue fazê-lo, provavelmente maior é o grau de potência com que a vida se afirma em sua existência” (ROLNIK, 1993)

O corpo é morada primeira dos afectos: o frio na barriga da paixão, o arrepio do desconforto, a palpitação da ansiedade, a ofegância da pressa, o relaxamento da segurança, as dores múltiplas do cansaço, os olhos de alegria. É nele que se experimenta a intensidade – e a tensão – do afetar, sem nome. E que força há no não-nomear. Na passagem do corpo à mente perguntamos o que se passa? Como o que toca o corpo se faz enunciado? Nomeamos, então, sentimentos. Codificamos a nudez de nossos processos, e tanto, que as vestes encobrem, cada vez mais rapidamente, a vergonha e o medo de um corpo que recebe nu, a intensidade de viver e de conhecer a vida, em seus dias, sempre pela primeira vez, sempre de estreia. Talvez a vergonha e o medo da nudez sinalize a codificação que nos invadiu? A nomeação traz conforto. Veste o corpo que, por essa condição, de constituir-se enquanto saber -sabido, pode se movimentar pelo mapa de uma mente que se configura a partir de um território-referência estratificado e instituído<sup>2</sup>, seja para a produção de conhecimento, para o questionamento e, mesmo, para a possibilidade de inquietação. Há saberes tão proeminentes, tão legitimados e estruturados que eles se fizeram capazes de ser o próprio corpo. Um corpo-cabeça-pensante.

A universidade me foi esse corpo por quase uma década. E que corpo. Tão extraordinariamente corpulento que inibia a necessidade de que eu me fizesse corpo, experimentasse minha nudez. Eu só precisava ser mente. Mente que ampliasse e diversificasse as conexões do pensar, pra fazer dizer, através da minha voz, o que as palavras impressas nos corpos livros já não podiam enunciar por si sós. Poetas e autores, já sem corpos, pediam passagem para habitar mais um pouquinho deste mundo, nos estudantes que éramos. Mas o que pode uma mente que não está conectada com seu próprio corpo e já não se percebe afetada e capaz de afetar ao

---

<sup>2</sup> Território-referência estratificado e instituído diz de um espaço-tempo codificado que organiza modos de pensar e agir a partir de um referencial cristalizado ou *em decalque* (DELEUZE & GUATTARI, 1995)

produzir pensamento a partir dele? E o que sabe essa mente sobre a via de mão dupla entre pensar e agir, quando se percebe, de repente, refém desse próprio corpo meio atrofiado, que por quase uma década, não foi lá muito investido? No movimento de experimentação com a vida, vamos nos deparando com o inimaginável, com o que nosso pensamento não é capaz de reconhecer: nunca percorreu tal caminho e não há acervo disponível ao qual possa se conectar. Vão se inscrevendo, em nós, marcas – estados, que nosso corpo vive no encontro com outros corpos – que forçam um trabalho de criação do e no pensamento capaz de produzir corpo para “a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outro.” (ROLNIK, 1993, p.5).

Esse pensar constrangido pela inscrição violenta de marcas em nós, a partir da composições de viver, só acontece porque se é forçado. Não é possível que o desejemos conscientemente, que espontaneamente o concebamos e pratiquemos. Ele é “misto de acaso, necessidade e improvisação: **acaso** dos encontros, onde se produzem as diferenças; **necessidade** de criar um devir-outro que as corporifique; **improvisação** das figuras deste devir.” (ROLNIK, 1993, p.5). A partir da diferença que ele instaura é que nascem sujeitos, objetos e verdades. O trabalho com o pensamento, enquanto efeito das exigências de corporificação das marcas, nos leva a nos produzir em conexão com a experiência de viver, para afirmar a necessidade de ampliar nosso grau de potência, pela capacidade de afetar e ser afetado.

Ser estudante é ciclo bem constituído e geralmente, efetivado na vida de corpo pensante que cresce e que vai aprendendo o que é preciso desenvolver pra dar conta de uma mente que conhece: muito pouco pra uns, tanto pra outros – estar parado, ouvir, escrever, ler e, às vezes, questionar. A mente que estuda, às vezes, até se esquece que tem corpo, que lá pelas tantas se avisa tenso, enrijecido de tanto ocupar a mesma posição, de tão pouco ser estimulado, convocado a dizer do que também ele sabe. Nos estudos realizados por Silva (2013)<sup>3</sup>, a concepção de Espinosa nos lembra que um corpo que meramente desempenha bem suas funções orgânicas, pode ser suporte de um quase morto-vivo: ser humano desvitalizado, que, no encontro com outros corpos, não realiza novas conexões que possam vir a desenvolver suas capacidades e expressar sua potência. Esse corpo perdeu a

---

<sup>3</sup> Nesta dissertação utilizamos a produção conceitual de Cíntia Vieira da Silva, especialmente localizada no livro “Corpo e pensamento: Alianças conceituais entre Deleuze e Espinoza”, como intercessora na leitura de Espinoza.

capacidade de afetar e ser afetado, pelos modos de relação nos quais se insere. Num extremo de diminuição de sua capacidade conectiva, perde-se não apenas a possibilidade de criar, mas a de reconhecer-se como criador. Mente que faz imagem da sensação de reprodução do que outros já pensaram, cópia da construção conceitual alheia, aplicada ao infinito às mais diversas situações.

Quando o magnânimo corpo-refúgio universitário não fez mais frente ao subdesenvolvido corpo da estudante pesquisadora, era preciso gerar-se corpo de trabalho. Era preciso parada estratégica da cartógrafa diante de novas linhas que vieram a compor mapa do caminho. Mas como nem tudo que é preciso, é possível, eis que tudo acelerou, como nunca antes...e trouxe certo desespero tácito de corpo que não havia e de músculo que não recuperava o peso do estímulo diário, vigiado pelo sol-a-sol, que também faz ciclo.

Ainda que o ciclo seja certeza dada de quem vive, como dizem as jovens e os jovens “cara, é difícil pra caralho” passar por tantos deles. Perceber que a forma MENTE-corpo de estudante pesquisadora já não dá mais conta, é deixar ir uma maneira de viver, um processo em curso de habitar e transitar pela vida, pela cidade, pelos estabelecimentos, pelos conceitos, já em mapas decalcados. Encarar de frente as (im)potências de um corpo demandado a fazer morada em um outro fluxo, é como que se matricular naquela academia que você não quer, comprando o plano mais longo possível, sem poder faltar. Não necessariamente porque você assumiu o compromisso de alcançar um corpo apto e sarado, mas porque seu corpo precisa ser estimulado e desenvolvido pra suportar o peso de (r)existir, em relação.

Os ciclos também tem desse elemento como componente essencial: a relação. Entre a fome e o saciar, entre o acordar e o dormir, entre o produzir e o descansar, entre eu e o nós. Sim, nós. Afetar-se pela multiplicidade e pensar que somos nós, faz nosso corpo expandir...e rizomar<sup>4</sup>: conectar-se à virtualidade das possibilidades de agir e pensar. Como nunca, senti meu corpo. Suado, dolorido, pressionado, angustiado, amedrontado, limitado, exaurido. Inicialmente, me via capaz, unicamente de pô-lo em pé. A mente, acessava roteiro de “como ser psicóloga” e fazia funcionar

---

<sup>4</sup> O conceito de rizoma é apresentado por Deleuze e Guattari (2011), no vol. 1 de Mil Platôs, como contraponto ao modelo de raiz ou árvore. O rizoma é um modo de pensar a multiplicidade e suas conexões sem a necessidade de um centro, ou eixo de onde provém, ou ao qual chegarão.

alguma atuação, que foi suficiente para manter a experiência da prática. Mas pensar...não sei se pensava.

E o que é mesmo o pensamento? Apenas efeito da relação com um plano de representação, com o qual operamos processos de reconhecimento, contemplação de um mundo que cabe na identidade-idêntico, na reprodução da busca por verdades atemporais e universais? Para Deleuze (1988), a reconhecimento é apenas uma das tarefas das quais se ocupa o pensamento, mas não a principal. Seu atributo fundamental é de que pode constituir-se enquanto ato de pensar: potência criadora, paixão de pensar. Tal ação se dá de modo involuntário, como efeito do encontro com algo que força, violenta o pensamento a deslocar-se do plano de representação. No encontro com a violência do signo, o pensamento torna-se sem imagem: destituído de pressupostos, abrindo espaço para um processo longo e singular de aprendizado e produção de verdades que não pretendem universalidade, mas são localizadas, parciais, implicadas e comprometidas com signos particulares emitidos por determinados mundos. Será que minha mente não era pensamento? A mente mente? Uma representação que não dá conta do corpo em experimentação poderia estar sinalizando um equívoco de como pensamos? Não pensava mesmo. A representação não dá conta de um corpo em experimentação, sobre os quais se inscrevem os efeitos e aprendizados da criação de um ato de pensar, fruto da violência do encontro com o signo: “aquilo que consegue retirar do pensamento o seu caráter abstrato, baseado nos modelos do senso comum e da reconhecimento.” (MAURÍCIO, MANGUEIRA, 2011, p. 297).

“Me sinto burra”. Frase que me peguei dizendo, entre lágrimas, quando retornei, de passagem, ao espaço-corpo-universitário, para os encontros com o grupo de pesquisa. Como se toda minha energia estivesse sendo canalizada pra um corpo que compulsivamente malhava as fibras de suportar rotina de dependurar pelo pescoço, o crachá de psicóloga. “Que horror ser psicóloga”. Frase outra que recentemente ouvi dizer, sobre colega que seguiu carreira de docência na área da psicologia. E que causou espanto. E também reflexão, sobre o quanto tal enunciado sinaliza que algo não vai nada bem na forma como transitamos entre o ensino e a prática; ainda, sobre todo o amor que invisto em “ser psicóloga”, uma prática tão intensa e potente, que nos toca fundo e tanto, tornando impossível que não nos

viremos ao avesso e nos reinventemos a cada dia, a cada desafio e aprendizado, no entre nós.

Movimentos cíclicos de viver a inscrição de marcas que nos pedem espaço físico e criam corpo, também de pensamento. Marcas que nos diferem de nós mesmos, ampliando o alcance de nossa potência, tornando-nos muitos e múltiplos, em uma mesma existência. No ciclo de estudo-pesquisa-trabalho – sequência em movimento – sinto-me experimentar a relação de viver a intensidade das marcas em processo de tomar corpo, para então, encontrar uma problematização conceitual que acolhe e compartilha desta experiência. Entre o silêncio que reverbera em desassossego e o novo corpo, é possível – inclusive – percorrer-se de impotência, para qual a escrita é a cura:

a escrita tem um poder de tratamento em relação àquilo que chamo de "marcas-ferida". Refiro-me a marcas de experiências que produzem em nós um estado de enfraquecimento de nossa potência de agir que ultrapassa um certo limiar, uma espécie de intoxicação. Uma marca deste tipo permanece portadora de um veneno que pode a qualquer momento vir a se espalhar e contaminar tudo. Ora a escrita, enquanto instrumento do pensamento, tem o poder de penetrar nestas marcas, anular seu veneno, e nos fazer recuperar nossa potência. (ROLNIK, 1993, p.10)

Cerca de seis meses depois, habito o movimento de me tornar algum corpo: corpo que sente a quase insanidade do viver endividada, de tempo e que pode hoje, não mais, silenciar, sob o fantasma da impotência e da incompetência. Corpo que sabe que nem tudo é possível...e que bom...porque seu delinear pele-limite faz barreira à insaciabilidade de uma lógica neoliberal de produzir, consumir e adequar a vida – ou a morte, e tudo que às liga - à máquina-número estatística. Corpo que se vê capaz de dizer “não” e deixar-se descansar, parar, questionar...posicionar-se no que sabe, que sabe. Corpo criador da própria conexão com a mente, que toma os corpos-livros, oferecidos quase como dogma, e os faz metamorfose do, e no, tempo-espaço que habita, no mundo que sente. Corpo que se alia com a educação, no que a formação em psicologia não alcançou, e que se permite tocar pela violência de um pensamento produzido pela diferença.

Que signos são esses que me afetam e fazem, da experiência, o encontro em ato com meu próprio pensamento? Signos juvenis. Jovens pobres. Jovens infratores e infratoras. Jovens negras e negros. Jovens matáveis. Jovens que enunciam:

“Quando sabem de onde a gente vem, gritam pra cuidar que vai ter arrastão”. “O juiz ficou perguntando o que significa natal pra mim. Se eu não penso nas famílias dos outros”. “Eu estranho é quando o segurança não me segue no mercado”. “O agente me mostrou as armas que ele carrega. Toda noite que ele faz plantão, escuto ele cheirando, depois vem ai, querendo conversar com o cara e aparecer”. “Ele disse que eu não servia nem pra dar uns beijos, porque sou negra”. “Entraram dentro de casa e arrastaram meu irmão pra fora, ouvi cinco disparos e o corpo dele caído no chão”. “Comemorar meu aniversário? Não era nem pra eu ter chegado aos 16!”

Os marcadores sociais, que meu saber-universitário pincelou, agora são vidas me convocando a uma análise de implicação constante do meu lugar de fala e da dívida histórico-cultural gigantesca - com a qual também a psicologia tem de se a ver, por pretensas práticas “a-localizadas” socialmente que produziram invisibilização e silenciamento, de tais atravessamentos que marcam vidas e gestionam sua existência, ou pior, seu extermínio.

Encontro outra dimensão do corpo, como efeito de relações de poder, concebidas por Foucault (2014) enquanto “conjunto de ações sobre ações possíveis” (p.133) operando no campo das possibilidades e gerindo condutas de sujeitos livres, agentes. Isildinha Baptista Nogueira (1998) nos fala do “corpo enquanto signo”, fixado em sentidos e valores que tornam a aparência parâmetro para garantia ou não de integridade de uma pessoa. Corpos negros, que carregam a “significância daquilo que é indesejável, inaceitável, por contraste com o corpo branco” (p. 46) e portanto, vistos como inferiores. Assim, se inscreve no próprio corpo a experiência traumática tanto do sofrimento subjetivo e singular, quanto de marcas produtoras de exclusão, discriminação, criminalização, que não apenas diminuem a potência de ser e agir, mas legitimam práticas de extermínio e genocídio.

Também os corpos de mulheres: objetalizados nas relações, são vistos como fonte de satisfação, alvos de julgamento e violência de quem se autoriza a tomá-los enquanto posse. Corpos construídos enquanto produto histórico, que tem representações nos discursos médicos, religioso, jornalístico, jurídico, político, marcados pelo pudor e o silenciamento. Corpos reservados ao espaço “privado”, restritos a experiências com determinadas práticas e saberes, as quais se destinam ao espaço público, naturalizado enquanto masculino. (DE MATOS; SOHIET, 2003).

Ainda, os corpos que não correspondem a uma heteronormatividade: marginalizados, ridicularizados, linchados, pois não se enquadram na representação socialmente aceita das possibilidades de ser corpo. Tornam-se corpos negados e deslegitimados, corpos abjetos (NONATO, 2013).

O corpo é alvo primeiro das relações de poder: corpo-indivíduo, ou corpo-massa sustentam modos de governar<sup>5</sup>. Para Foucault (1989), “o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política” (p.80). Estratégias de gestão da vida e da morte incidem sobre os sujeitos, através de um governo que elege um modo normativo de vida aos quais se deve corresponder e adaptar-se. Tal norma, legitima processos de exclusão, violência e opressão aos que não encaixam, aos que resistem.

O corpo atravessado pelos marcadores sociais de classe, raça e gênero carrega sentidos e valores, produtores de discursos, lugares e práticas, que colocam os sujeitos tanto em posição de privilégio, quanto de exclusão e extermínio. Nogueira (1993) nos lembra que, pela aparência de um corpo em seus atributos físicos, se pode considerar, por exemplo, sua capacidade de cometer crimes, que é um atributo moral. O corpo negro historicamente desumanizado, inferiorizado e segregado aciona processos auto-destrutivos e dificulta a subjetivação de pessoas negras, além de legitimar socialmente sua criminalização e extermínio. O corpo da mulher, submetido a um sistema machista de controle, opressão e violência, posiciona homens em privilégio social, econômico, cultural, ratificando um modo de acesso e utilização da outra, como posse ou objeto de satisfação e manipulação. O corpo de orientação não heterossexual, alvo de discriminação e escárnio, julgado segundo uma perspectiva moral é apontado, zombado, patologizado e exterminado.

Além disso, considerando a noção de interseccionalidade (CREENSHAW, 2002), isto é a experiência de sobreposição e influência mútua resultante da interação entre distintas formas de opressão localizadas em um mesmo corpo - por exemplo, de uma mulher negra pobre - compreendemos a necessidade de enunciar as

---

<sup>5</sup> Procedimentos e técnicas que se destinam a direcionar a conduta dos sujeitos (FOUCAULT, 2014)

diferenças estruturais e relacionais com modos de viver que compõe categorias, pensadas de modo generalista, tais como mulher, homem, branco, negro, pobre, rico, heterossexual, homossexual, transexual. Estas, interagem, criando experiências de vida e de ser corpo, que tem mais ou menos visibilidade ou legitimidade social, inclusive em termos de movimentos de resistência.

Outros refúgios se fizeram necessários ao ativar a potência de experimentar o que pensava: ousadia de escrever com a incerteza de acompanhar esses dolorosos passos do viver com estas e estes jovens. Nessa empreitada, dei-me conta de que pesquisar com a juventude implicava em cartografar um modo de fazer psicologia e tornar-se psicóloga. O movimento extensivo do corpo em composição com a experiência, me devolvia a possibilidade de dar forma à intensidade do encontro de um histórico e singular fazer.

Vivemos corpo: é nosso corpo que suporta a possibilidade de pensar, comunicar, sentir, transformar. E, parece-me, que temos falhado em expressar, em dar espaço para dizer do movimento que nossos corpos fazem, absorvendo e percorrendo, na velocidade do tempo cronológico e na extensão do tempo sentido. Temos falhado em implicar o corpo na relação com a produção de pensamento e conhecimento. Espinosa define o corpo pelos afectos dos quais é capaz. Afectos esses que são os efeitos do encontro entre corpos, que implicam diminuição ou aumento do potencial de agir, também de afetar e ser afetado. Os afectos se constituem enquanto “modalidade de pensamento que não passa pela representação” (SILVA, 2013, p. 24).

Tal concepção cria uma articulação entre corpo e pensamento, tomando o corpo para além de seus aspectos biológicos, para além da funcionalidade de seus órgãos, mas enquanto superfície de inscrição de intensidades, capazes de acionar um ato de pensar que rompe com os esquemas de representação e reconhecimento e pode criar. Este corpo implicado com os afectos e com a produção de desejo, desestruturado em sua relação com o orgânico e com a categorias identitárias do pensamento, reverbera na concepção do corpo sem órgãos, de Deleuze e Guattari (1996). Um corpo em abertura e trânsito com a experimentação e o movimento do encontro com as multiplicidades de modificações que vão compondo e decompondo nossa existência em diferença, através da captura de forças e aquisição de potências.



Um corpo sem órgãos “dá testemunho de um pensamento desejante, incorporado, assim como de um corpo pensante, um corpo que dá a pensar ao ser atravessado por intensidades” (SILVA, 2013, p 25).

Esse corpo implicado com afectos e produzindo desejo, se configura em relações de poder, tomando pensamento e conhecimento localizados no que se considera mente e na possibilidade de reconhecimento – em desconexão e desconsideração do que o corpo pode. Nesta forma, pode nosso conhecimento criação ou reprodução? O que sabemos?

Espinosa concebe três gêneros de conhecimento, os relacionando à potência e capacidade de agir de nossos corpos. No primeiro gênero, produzimos ideias meramente associadas ao efeito dos encontros, concebendo classificações universais de um modo passivo. Quando somos capazes de fazer a relação de causa, a partir dos efeitos experimentados, estamos no segundo gênero de conhecimento: o da razão adequada, dos conceitos. Já no terceiro gênero, nosso conhecimento é capaz de compreender para além dos efeitos e das causas de relação racional, mas de se conectar com a essência das coisas. Essência que aqui não tem uma conotação transcendente, mas de grau de potência. A esse conhecimento, Espinosa denomina intuitivo. De mais alta complexidade, estaria mais próximo da possibilidade de libertação e contentamento (SILVA, 2013).

Através do conhecimento intuitivo compreendemos quais encontros ampliam nosso potencial de agir, de conservar e desenvolver as capacidades de nossos corpos. Encontros que diminuem nossa potência só podem ser prejudiciais. Quanto mais expandimos tal potência, mais vivemos a possibilidade de ser livres. A leitura deleuziana de Espinosa compreende que há certos signos – causadores de efeitos – capazes de produzir afectos – efeitos dos encontros entre corpos - que proporcionam o impulso necessário para que se chegue ao terceiro gênero do conhecimento. O percurso parte do afetivo, atingindo o conceitual e possibilitando então, o intuitivo. Para Deleuze tais gêneros de conhecimento, são, na verdade, modos de existência.

Um modo de existência intuitivo é conduzido pela ampliação de nosso potencial de ação, de nossa capacidade de afetar e ser afetado, nos encontros. Por meio “da experimentação, no sentido da experiência e no sentido de procedimento

que se faz por ensaios e tentativas, podemos, aos poucos, aprender a organizar bons encontros e a evitar os maus” (SILVA, 2013, p 257). Que tipo de conhecimento produzimos e que modo de vida expressamos quando desprezamos a experiência do encontro de nossos corpos e o quanto se expandem ou retraem, nessa relação?

As forças que movimentam o encontro entre o corpo deste dissertar atualizam as vestes da clínica que praticava, à medida que vivo o exercício ético e político numa escuta que acontece em estabelecimentos, circulações na cidade, programas de políticas juvenis, oficinas, reuniões de rede. A clínica vestida de um corpo-consultório que territorializa um modo indivíduo de ser, se percebe nua diante da multiplicidade que nos constitui e produz a experiência. A cartografia percorre visões e audições desta multidão que nos povoa (DELEUZE, 1997) e é neste encontro que a experiência com jovens me posicionou: um trajeto sem paredes, invadido pelas afetações de que podemos mais, nos modos de intervir com estes jovens.

Ali, estava posicionada para escutar o crime, a confissão, a responsabilidade com a reabilitação para a sociedade, para a escola, para o trabalho, a confirmação de um vida intratável. Corpos jovens criminalizados-as e judicializados-as. Mas algo se passou que não seguiu somente esta direção: desvios e bifurcações. O encontro com jovens - seja na relação com o acolhimento institucional, seja na política de socioeducação, seja em programas para atuar em territórios de alta mortalidade juvenil de Porto Alegre - movimentou gostos, projetos, vontade, amores, tristezas, risos, medos e angústias. Outros signos, outros sentidos. Mente e corpo da psicóloga e pesquisadora foram desterritorializados, representações invadidas por afectos, verdades e mentiras a respeito dos modos de pensar e experimentar a psicologia colocadas em discussão... Ficam as questões que movem esta dissertação: O que produz essa proximidade para compor com a diferença e multiplicidade que estes-as jovens expressam? De que clinica falamos? Uma clínica que corporifica os modos de afetar no percurso da vida em ato?

No encontro com tais dimensões, na relação com jovens, cria-se a possibilidade de pensar signos, corpos, marcas e afetações que nos transitam enquanto elementos essenciais na composição estratégica de viver, intervir, resistir. Tais elementos trilham um caminho para a produção de um conhecimento intuitivo, no qual conhecemos “as essências singulares das coisas, a nossa, dentre elas”

(SILVA, 2013, p 312). É um conhecimento implicado com a ampliação de nosso potencial de agir, com a conservação e desenvolvimento das capacidades de nossos corpos, apontando para práticas de liberdade-liberação, para a experiência da alegria. Alegria e tristeza são afectos primários, do qual derivam todos os outros. Experimentamos alegria quando aumentamos nossa potência de ser e agir no mundo. A alegria nos dá a compreender o que é bom. Tal experiência é tida, por Espinosa, como possibilidade de salvação: uma experiência de alegria que não é resultante apenas de uma potência que varia - ora triste, ora alegre - mas que indica a posse plena de tal potência: podemos ser alegres, nosso corpo pode alegria.

Ainda que a experiência com jovens seja encontro com inúmeras violências, preconceitos, criminalização, mortes, exclusão – denúncias do modo social que vivemos, impresso em nossos corpos – é como se algo operasse, constantemente, certa diluição e transformação de tanto peso e dor, no exercício de viver. Penso que este algo é a alegria: uma alegria sentida, vivida e compartilhada, que transborda em risos e gargalhadas, falas altas que ecoam nos espaços, danças e músicas que dizem de que viver tem ritmo e balanço, abraços de encontro, pra percorrer espaços e caminhos acompanhados.

O encontro com tais compreensões sobre corpo, afectos e potências torna impossível que tais elementos sejam desconsiderados na relação com nossos modos de existir e de fazer-intervir. E para além disso, a experiência com os afectos, enquanto intensidades que percorrem nosso corpo e produzem nosso pensar não é uma vivência da ordem do “pessoal”, individual, não podendo permanecer restritas a esta esfera. Os afectos de que somos capazes também dizem dos afectos que são possíveis, na sociedade que vivemos, portanto, são políticos. É preciso assumir, com eles, compromisso ético-estético-político e encontrar forma, abrir espaço para sua transmissão e experimentação. Se quanto mais um corpo é capaz de afecções e alegria, mais também a mente é consciente de si (SILVA, 2013), afirmar este caminho é fazer resistência a um modo desafetado e desvitalizado de viver e de pensar.



## **PENSAR UM MÉTODO: como se produz uma pesquisa no entre eu + corpo?**

Há tantos modos de pesquisar...no meu caso, desde o início, me foi alertado “cuidado com a sobreimplicação”. Era nítido, a mim e aos que me acompanham neste percurso de que não me é possível escrever, senão do que vivo, do que me produz inquietação, do que me toca no sem nome, nas entranhas, na boca do estomago, no meio do peito e faz movimentar, pra produzir algo com a intensidade: seja ela de desconforto, de alegria, de amor, de satisfação, de angustia, de medo. A juventude, a mim, isso simboliza: o que me desperta a necessidade de movimento, pelo afeto. Motor da criação de sentir, de produzir sentido, a partir da complexidade de viver.  
(Diários de pesquisa)

Esta pesquisa é mais do que a descrição de uma intervenção, mais do que a apresentação de análises, mais do que o relato de um problema específico advindo da relação com um campo único e bem determinado. A proposta de narrar o que se passa com a prática da psicologia, na circulação por diferentes espaços da cidade, por diferentes territórios de existir, no encontro com jovens, não tem a pretensão de localização específica - em termos de nomeação - em minhas análises. Neste sentido, sei que corro o risco de parecer que digo pouco de muita coisa, que não tenho profundidade, que me falta consistência de análise e argumentação teórica pertinente. Mas preciso dizer que nada disso me move: nenhum destes moldes e formas de como se faz pesquisa, ou como se deve escrever uma dissertação me faz ter vontade de dissertar.

Ainda assim, ousou afirmar que tenho algo a dizer. E que o que tenho a dizer importa, na perspectiva da vida que levamos e do quanto nosso dizer acadêmico parece ter se afastado da complexidade, grandiosidade e impermanência que é viver e falar sobre isso. Jorge Larrosa (2003) analisa como a escrita acadêmica foi se tornando filiada a formas sistemáticas de racionalidade técnico-científica, que pretendem, em suas investigações, universalidade e exatidão. Dessa forma, tais escritas violentam a vida que acontece para que caiba nos moldes da razão. Afastamo-nos do viver, pretendendo lançar, sobre ele, o olhar de observador neutro, e ainda assim, almejamos construir um saber sobre ele.

Para Larrosa (2003) “a razão não deve dominar a vida, deve enamorá-la, e são justamente as formas de escrita com capacidade de enamorar a vida, quer dizer, de

capturá-la e dirigi-la desde dentro, as que desapareceram.” (p.105). Essas formas de escrever estão associadas aos gêneros menores, híbridos, incapazes de purismo – assim denominados pelos moldes burocráticos, preestabelecidos e desvitalizados que dominaram a produção acadêmica e intelectual atual (DELEUZE & GUATTARI, 1977). Os gêneros menores são capazes de manter uma relação com a vida, pois não seriam possíveis, senão pela experiência. Nesse sentido, escrever a partir do que se experimenta é ato de afirmação política, que reivindica o sensível enquanto integrante fundamental, e talvez mesmo fundante, da nossa capacidade analítica racional: é preciso sentirmos com o que vemos e com o que dizemos, para que o ato de ver e dizer, em verdade, seja possível.

O que me proponho narrar, nestas páginas, é sobre um percurso de formação que foi produzindo um lugar para - e também uma forma de - ser psicóloga e pesquisadora, a partir do contágio com a juventude. São os jovens e as jovens que forçam meu pensamento a criar a mim e a práticas em composição, segundo o que nossos encontros são capazes de fazer ver, dizer e sentir sobre a racionalidade dos modos de vida e de relação que organizam nossa sociedade. A escolha por não operar uma descrição que nomeia e especifica exatamente onde os encontros se deram, aos moldes de um estudo de caso, diz da opção pela enunciação do plano de experimentação, produzido pelo percurso de narrar experiência, constituindo encontros narrativos. A singularidade do que nos ocorre, do que se passa em nossos dias, é a forma que certas forças tomam, o modo como se localizam em determinado momento, que, contudo, não se esgota, nem se encerra na experiência, em si. O que vivemos transborda nosso corpo e os daqueles com os quais entramos em relação e (d)enuncia a relações de poder que operam nossa sociedade, os modos de subjetivar e ainda, as formas possíveis de criar e praticar um existir em resistência.

A juventude aciona minha capacidade de criação e de transformação para compor com os conceitos que me foram transmitidos na abertura à afetação da experiência de viver. Assim, poder considerar o afecto, e o que ele (nos) produz, é ato político constituinte do processo de produção de conhecimento acadêmico. Considerar o afecto é abrir espaço para o que o corpo compõe em ato, deixando de pressupor universalidade e neutralidade para reivindicar os marcadores que nos

subjetivam: idade, gênero, classe social, etnia, território. Nesta perspectiva histórica e singular, buscamos acontecimentalizar quem escreve e é escrito.

Assim, neste estudo, partimos da compreensão de que considerar a sensibilidade, a afetação que se passa com nosso corpo, cria abertura para a diferenciação. Diferenciação que diz da necessidade de gerar variação na forma normativa dos modos de viver. É preciso singularizar nossa experiência, podendo estabelecer conexões autênticas e autônomas que aumentem nosso potencial de agir, nossa capacidade de escolher e de criar brechas para sentir liberdade.

“Somos todos iguais, não entendo porque tanto preconceito”. Frase exatamente igual ou similar, tantas vezes ouvida, na voz dos jovens, na voz de profissionais, na voz de pessoas com quem cruzamos, ou convivemos. Não somos. Não somos iguais. Os mecanismos que violentam nossas diferenças, buscam atender a essa construção, com valor de verdade. Para tanto, tentam ceifar e erradicar, em discurso e prática de preconceito e exclusão, tudo o que não cabe na igual, no uno. É preciso fazer a n-1:

Na verdade não basta dizer Viva o múltiplo, grito de resto difícil de emitir. Nenhuma habilidade tipográfica, lexical ou mesmo sintática será suficiente para fazê-lo ouvir. É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre n-1 (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a n-1. Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma. (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p 21)

O igual, pode caber no múltiplo unicamente por sua subtração. Reconhecer-nos em diferença passa pelo sensível de nossa corporeidade, para produzir posicionamento ético-estético-político potente, na relação com a singularidade do que vivemos e de quem somos. Considerar nosso corpo em afetação é ampliar a capacidade de ver e dizer, a fim de produzir análises e intervenções atentas e comprometidas para com a diferença que nos subjetiva.

Retomo: esta pesquisa é efeito do encontro. Encontro, na leitura espinosista, enquanto composição de forças que se dá, primeiramente pelo movimento e ousadia de corpos que se deixam afetar (SILVA, 2013). Do lado da pesquisadora, é preciso produzir corpo, para, em primeiro lugar, se inserir na universidade e deixar-se

percorrer pela possibilidade de dizer algo. Então, mover-se pela vida, na escuta do que toca, do que desperta o desejo de escrita e de análise.

Este pesquisar não pode ser outro, senão a cartografia do que se faz criatura e criadora da experiência: vida que nos percorre e se aloja em nossos músculos, fazendo caminho para o pensamento e de volta à mão, para o registro. Registro que diz dos trajetos que o caminho produziu e afirma a necessidade de restituí-los de sua importância - acadêmica, ou não - enquanto potentes, e quem sabe, os mais genuínos, analisadores de nós. Mas como acolher este encontro, como fazer corpo, como cuidar das marcas?

É a cartografia que dá passagem ao que denominamos encontro narrativo. É a delicadeza sensível do olhar do cartógrafo que se ocupa em recolher, do mapa, os elementos da invisibilidade do visível, como diria Foucault (2009). Procedendo, então em um registro narrativo que busca dar visibilidades às tramas que compõe nossas práticas, dando-lhes corpo através do sensível de uma narrativa, que se faz em experimentação e abertura.

O método cartográfico aposta em um fazer com, que produz efeitos de deslocamento de si em relação à modos de subjetivação, que produz pesquisa, que produz movimento e diferenciação, a partir do encontro. Nesse sentido, estar com jovens – no espaço clínico tradicional, na circulação pela cidade, no cumprimento de medidas socioeducativas, nas oficinas, em programas de políticas juvenis e na escrita que nos narra – é criação que carrega a marca inventiva deles. A pesquisa vê-se inundada e conduzida por um devir jovem e adquire modos de pensar e afectos próprios ao jovem. Assim, produz-se uma forma de fazer pesquisa em experimentação, aberta ao desejo de conhecer, a partir experiência de viver. Neste percurso, deixamo-nos afetar pela intensidade de primeiros amores e também decepções, pela resistência às normas e formas que nos calam as vozes, pelo desejo de fazer alianças de amizade, pra compartilhar alegria, pela expectativa de fazer diferença no mundo, pela afirmação de quem se é.

Quando se pensa em cartografia, é necessário ter em mente que, ainda que existam pistas que indiquem o caminho de um método, estas são insuficientes para defini-lo de modo hermético e replicável. A investigação de processos caminha mais



ao lado do encontro e da multiplicidade, do que da descrição prescritiva, da elaboração de protocolos. O método cartográfico não se aplica como palavra de ordem, mas se coloca a acompanhar processos compostos de modo heterogêneo, que se conectam formando redes e dizem de uma realidade em diferença, sobre a qual “o pensamento é chamado menos a representar do que a acompanhar o engendramento daquilo que ele pensa” (PASSOS, KASTRUP, da ESCÓSSIA, 2009, p.10). A cartografia, então, estaria relacionada ao ato de pensar: criação de pensamento que possa corporificar, abrir espaço à experiência de encontro com a violência dos signos, das marcas de intensidade, advindas de viver, que se inscrevem em nossos corpos e nos afetam.

A proposta de pesquisar uma realidade que não é compreendida como dada e objetiva, pronta à observação e compreensão de um sujeito neutro e externo a ela, não é simples. A tarefa do cartógrafo é acessar um plano de forças, que se anuncia pelo movimento da experiência e do encontro: dimensões as quais não sabemos explorar de imediato, que nos solicitam aprendizagem através de “práticas que tornem possível uma atenção aberta aos processos em curso, que nos permitam saber com aquilo que nos faz viver [a partir de] uma postura conceitual-política que lida com o aspecto processual na produção de conhecimento e não com a realidade dada” (POZZANA, 2013, p.327).

É sobre vida, corpos e relações múltiplas, em suas implicações políticas, de que se trata cartografar! O cartógrafo compreende que o conhecimento que (trans)forma, com o qual aprendemos e ganhamos, não é mero acúmulo teórico, mas também inscrição corporal (PASSOS, KASTRUP, da ESCÓSSIA, 2015). Além disso, concebe que a forma como registra os movimentos com o campo diz de tomada de posição, enquanto escolha por determinada narratividade, forma de dizer do que ocorre, é o próprio ethos da pesquisa (PASSOS e BENEVIDES, 2015).

Nossos exercícios com os jovens e as jovens e conosco mesmos, guiado pelos movimentos de um plano instuinte<sup>6</sup> diz de assumir um posicionamento em relação a produção de conhecimento, nos implicando, assim, politicamente. Ir ao encontro – e

---

<sup>6</sup> Uma instituição é composta pela vertente do instituinte e do instituído. Enquanto o instituinte diz do dinamismo de um processo de criação, o instituído é o resultado, o formato que tem por característica o estático, o estável. (BAREMBLITT, 1996)

em busca - da radical diferença do outro, na proposta de uma produção coletiva de pesquisa, reposiciona o lugar do pesquisador e demanda que ele possa renunciar um tanto a si, suspender as normas que organizam enquanto sujeito e também, deixar-se angustiar e sentir, na afirmação da possibilidade de uma pesquisa implicada e corporificada (GONÇALVES, 2016).

Sustentamos, assim a coprodução desta pesquisa pelas relações e encontros de corpos em afetação, nos voltando a pensar um saber jovem que vai se compondo e transformando o nosso, para criar uma metodologia narrativa que busca abrir espaço para dizer do que se passa entre nós: como nos marca, o quanto nos produz afetações, o quanto amplia nossa potência de agir e criar, com e na vida. Nossos encontros acionam narrativas remetendo a um lugar do pesquisar que se existencializa no ato de pensar, enquanto efeito de uma intensidade que nos percorre; através da qual, vamos criando condições de existência a nós mesmos, em outros lugares - na relação com a formação, com o trabalho, com a vida - talvez mais contagiados de alegria e de liberdade.

### **Um mapa do fazer-método**

Traçamos, primeiro, mapa deste fazer-método, que diz da necessidade de situar o-a leitor-a nos passos de um percurso cartográfico com jovens. Uma cronologia extensiva - que localiza a experiência, dando-lhe forma – para, em seguida, imergir no plano intensivo dos afectos que movimentam o desejo de acompanhar e escrever este trajeto.

Março de 2014: primeiro estágio de prática clínica em instituição de formação particular, localizada em zona nobre da cidade de Porto Alegre. Cotidiano de atendimentos individuais - pagos ou em parceria com programas e projetos da política de Assistência Social, supervisão de casos, seminários teóricos

Agosto de 2015: estágio com ênfase em políticas públicas ocorre em programa de extensão da universidade, que atua com adolescentes em cumprimento medida socioeducativa e egressos deste contexto. O programa atende dois grandes (macro?)

territórios de Porto Alegre, recebendo adolescentes a partir do encaminhamento de seus respectivos CREAS<sup>7</sup>. Atua-se, também, na defesa jurídica interdisciplinar dos jovens e na oferta de um espaço de escuta e circulação junto à cidade, afim de ampliar os territórios de existência e pertencimento destes jovens. Com o término da graduação, permaneço vinculada ao programa na condição de voluntária. Neste local, vivo outra forma de estar com jovens; as paredes da consultório clínico cedem para escutar e ouvir, ao compasso de caminhar pela cidade, pelos parques, por estabelecimentos diversos. Experimento o Acompanhamento Juvenil (DUTRA, 2012) – metodologia orientada por um fazer acompanhado que busca ampliar o território de existir do jovem, no ensaio com sua autonomia e singularidade.

Agosto de 2016: Ingresso no programa de pós graduação em Psicologia Social e Institucional, enquanto mestranda. Início de um percurso como pesquisadora. Desafio de construir a possibilidade desse lugar no qual me reconheço pouco. Há o desejo de estar ali, criar algo que conte/ dê forma ao que vivo, mas há também o desconforto com alguns instituídos<sup>8</sup>, algumas formas tradicionais de pesquisar, escrever, ser mestre, ser doutor. O trabalho na extensão da universidade permanece, agora enquanto campo de pesquisa junto a jovens em relação com socioeducação.

Outubro de 2016: violências se alojam no meu corpo. A violência institucional vai se sobrepondo à violência de gênero. Em casa de internação para adolescentes, o preconceito e o controle através da disciplina se atualizam em discurso de ódio: à universidade, aos atendimentos humanizados, ao fortalecimento de equipes de trabalho, à concepção de que escuta é privilegio que não deveria ser concedido à “criminosos”, à mulher que ousa fazer frente ao mandato masculino e ocupar o espaço que quiser, dizendo o que pensa e defendendo o que acredita.

Novembro de 2016: Os passos dados, lado a lado com jovens, na circulação pelos caminhos de Porto Alegre, levam ao Rio de Janeiro. Eu vou ao um congresso e vou encontrar um jovem que vivia em Porto Alegre e está vivendo no Rio de Janeiro. Ele vai morar com a tia. Nesse encontro entre estados, pela primeira vez, sinto que um jovem me acompanha completamente...sou acompanhada, não acompanhante.

---

<sup>7</sup> Centro de Referência Especializado de Assistência Social

<sup>8</sup> O instituído é um componente da instituição que tem por característica o estático, o estável. (BAREMBLITT, 1996)

Experiência de fronteiras nos papéis daquela relação que se borram. Alegria de conhecer a cidade maravilhosa, pelos olhos e pelos passos dele. Saudade.

Novembro de 2017: inserção na política dos Direitos Humanos, em projeto de espaço formativo para jovens. O financiamento e criação deste projeto se dá segundo a localização de territórios com alto índice de mortalidade juvenil. Convivência cotidiana com o fantasma das metas e da produtividade. Esforço recorrente de viver e intervir segundo a ética que me orienta à singularidade. Questionamentos se produzem sobre o que é possível, que marcas se produzem, o que as intervenções alcançam na velocidade. Tentativa de reconhecer como afetamos e somos afetados na intensidade do movimento do tempo que não sobra.

### **Alçar rumos de racionalidade sensível para criar arquivos de experiência**

Nesse percurso de relação com a formação e o trabalho, vão se construindo pistas: na experimentação com o pensamento para produzir pesquisa, na perspectiva de aprendizado com a vida, na dimensão do que nos toca, produzindo marcas. O ponto de partida é o abandono das concepções que nos prendem no pensamento enquanto reconhecimento:

“antes de aprender, trata-se de um desprender-se(...) é preciso desmanchar a responsividade que nos liga à vida de forma desconectada com a experiência. O aprendizado é literalmente corporificado e criado; requer tempo e espaço, respiração, articulação, atenção, disponibilidade para o desconhecido (POZZANA, 2013, p332)

Alçar-se ao mundo, para além da universidade, é dar de cara, em muitas esquinas, com seus limites. A produção conceitual não dá conta dos diversos planos que compõe a vida, inscrita em relações de poder múltiplas, causa e efeito de eventos, parte de uma dinâmica de movimento constante, com o tempo – tão acelerado, que por vezes bloqueia nossa capacidade de ver, dizer e sentir o que nos passa, o que nos atravessa, o que faz com que nossos passos sigam se dando. A vida escapa ao conceito, não quer casar com ele. Ainda assim, na pesquisa, parece que seguimos tentando apostar que tais elementos, possam fazer par, como bons crentes no amor.

Se não há casamento, por hora, quem sabe sejamos capazes de produzir alguns encontros, alguns flertes...chamas de desejo que alimentem a esperança de acreditar.

Em tempos de amor livre e de problematização desse modo monogâmico-dual de amar, quem sabe um terceiro seja capaz de mediar esse relacionamento conflituoso, porém atraente, entre teoria e vida. Trabalho do pesquisador, de parir uma forma que acalante as brigas entre o casal, ainda que momentaneamente. Penso no privilégio de que minhas teias de existência tenham vindo a dividir tempo e espaço com jovens mulheres pesquisadoras que tem anunciado, corajosamente, de que teoria e vida não se bastam, mas que podem e precisam encontrar um caminho compartilhado, em afeto. O amor é difícil, mas há de se dar um jeito.

O jeito que me tem sussurrado aos ouvidos e saciado os olhos sedentos de beleza, é criação pela arte: agulha e linha, que alinhavam, através daquele que pesquisa, alguma forma de dar conta de um estar no mundo, que o conceito não entende plenamente. No movimento de pesquisar, é como se fosse necessário corporificar o que se escuta e se vê, e que transborda o próprio corpo do pesquisador. É com a alegria de quem reafirma a sua própria esperança de acreditar, que me percebo cercada de mulheres jovens e corajosas. Pesquisadoras que seguiram o caminho do desafio de transbordar sentir em seus trabalhos e produziram, com isso, corpo que materializa através da arte, o que os enunciados encobrem. Corpo de dançar (BARONE, 2017), de testemunho (SZUCHMAN, 2017), de carta (BATTISTELLI, 2017), de escrivência (SOARES, 2017); corpos que se alimentam da experiência de experimentar uma escuta sentimental e que buscam dar forma ao que se ouve, ao que se escuta, ao que se vê, ao que se sente.

A pesquisa nos forja a necessidade de produzir certo corpo que existencialize as marcas de pesquisar-trabalhar-viver. Rolnik (1993) nos conta que “o trabalho com o pensamento - aquilo que em princípio se desenvolve numa prática acadêmica, sob a forma de estudo, escrita, ensino - diz respeito fundamentalmente às marcas, sua violência, nosso desassossego”.

É preciso criar novas formas de pensar pesquisa que deem corpo ao que nos marca, o que nos desassossega. Fazer registro de pesquisa, neste sentido, é percorrer e narrar os caminhos do pensamento - convocado pelos afetos, efeitos do

encontro – é buscar alguma maneira de corporificá-lo. “O pensamento é uma espécie de cartografia conceitual cuja matéria-prima são as marcas e que funciona como universo de referência dos modos de existência que vamos criando, figuras de um devir.” (ROLNIK, 1993). Ao narrar este pesquisar, na sua relação com a experiência de formação, criam-se e afirmam-se formas de existir e de dizer do que se vive. Além disso, dá-se passagem à fugas para seguir por outros percursos, outras formas de intervir:

A formação como um movimento de corporificação do conhecimento, onde as diferentes presenças em composição nos indicam por onde agir, conhecer e criar, nos indicam a emergência de micromundos e microidentidades dos trânsitos afetivos do presente. O “nós” é transitório assim como quando uma questão é formulada para fazer desvios e indicar caminhos. (POZZANA, 2013, 330)

A necessidade de produzir um corpo de pensamento, que diga da vida que acontece no pesquisar, encontra o texto de Foucault “A vida dos homens infames”. Neste, Foucault procede com uma “antologia de existências. Vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desventuras e aventuras sem nome, juntadas em um punhado de palavras. Vidas breves, encontradas por acaso em livros e documentos.” (2003, p.203).

Propôs-se a reunir ali, vidas singulares tornadas como que poemas estranhos, aos seus olhos, seguindo o critério da intensidade que a ele, estes relatos-vida pareciam ter. Designou os relatos que encontrou nos arquivos como *notícias*, tanto por sua rapidez – curta extensão – quanto pela veracidade dos acontecimentos ali relatados: “tal é, nesses textos, a condensação das coisas ditas, que não se sabe se a intensidade que os atravessa deve-se mais ao clamor das palavras ou à violência dos fatos que neles se encontram (FOUCAULT, 2003, p.203).

Nos move saber que a produção desse texto é empreendida pelo que a leitura dos arquivos, o contato com aquelas vidas ali corporificadas pelo discurso, causa em Foucault. Encontra com os afectos que o percorrem:

Eu ficaria embaraçado em dizer o que exatamente senti quando li esses fragmentos e muitos outros que lhes eram semelhantes. Sem dúvida, uma dessas impressões das quais se diz que são “físicas”, como se pudesse haver outras. E confesso que essas “notícias”, surgindo de repente através de dois séculos de silêncio, abalaram mais fibras em mim do que o que comumente chamamos literatura, sem que possa dizer, ainda hoje, se me

emocionei mais com a beleza desse estilo clássico, drapeado em algumas frases em torno de personagens sem dúvida miseráveis, ou com os excessos, a mistura de obstinação sombria e de perfídia dessas vidas das quais se sentem, sob as palavras lisas como a pedra, a derrota e o afinco. Há muito tempo, utilizei documentos semelhantes para um livro. Se eu o fiz então é sem dúvida por causa dessa vibração que sinto ainda hoje, quando me ocorre encontrar essas vidas ínfimas que se tomaram cinzas nas poucas frases que as abateram (2003, p. 204).

Frente as intensidades contidas nos afectos que tomam nossos corpos, o que fazer? Há lugar possível, forma de expressá-las? Cabem em nossos textos? São matéria que integre a produção de conhecimento? Foucault faz a si mesmo questionamentos que dialogam com estes, pensa - com o leitor - seu processo de escrita.

“O sonho teria sido o de restituir sua intensidade em uma análise. Na falta do talento necessário, por muito tempo remói só a análise; tomei os textos em sua aridez” (2003, p.204)

“Mas as intensidades primeiras que me motivaram permaneciam do lado de fora. E uma vez que havia o risco de elas não passarem para a ordem das razões, uma vez que meu discurso era incapaz de levá-las como caberia, o melhor não seria deixá-las na forma mesma que me fizeram senti-las?” (2003, p.205)

Para Foucault, a vida desses homens tem mais intensidade do que a de qualquer herói que se pudesse inventar. Compreende que a forma como lhe chegam estas vidas-notícia, como se tornam visíveis e dizíveis é pela via do choque com o poder: “todas essas vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros – breves, incisivos, com frequência, enigmáticos – a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder.” (2003, p.206).

Sinto-me conectada com essa escrita para além de um ordenamento formal do discurso acadêmico, ou do diálogo conceitual que nela reconheço. Conecto-me com essa escrita de Foucault como que num encontro com certo compartilhamento da experiência de afetar e ser afetado. O intensivo da experiência com afectos operou a necessidade de produção daquela e desta escrita.

Esta intensidade move o pensamento sobre as semelhanças e as divergências de nossos encontros. Efetivamente, escrevemos em temporalidades diversas. As vidas às quais Foucault se remete tomam corpo-historico em sua visibilidade

enquanto arquivo: encontro entre passado, em um futuro que lhe percebe. As vidas narradas aqui são e estão no agora – pelo menos, por enquanto. Por enquanto, pois são vidas que estão quase sempre em processo de tornar-se arquivos. Vidas visíveis a partir dos dados estáticos, vidas gestionáveis entre adaptação, esquecimento e extermínio.

Ambos escrevemos sobre vidas que são vistas, que existem por seu encontro com o poder. A morte compõe a fórmula de ambas as escritas. Em Foucault, a morte dos homens que viveram em infâmia é fato concretizado. Nesta dissertação, a morte é ponto de partida da criação de políticas, é componente cotidiano das relações territoriais, é ameaça que assombra e cria certezas de que não será possível chegar aos 16 anos de idade. Tratamos aqui, do ponto de vista da gestão de populações, com a vida de jovens matáveis, jovens para morrer, para produzir dados de morte.

Nesta trama do poder que controla, ressocializa, reabilita, educa, forma corpo de trabalho, também que permite extermínio, me deparo com jovens que produzem vida e, não, morte. Interessa a mim, nesta escrita, dizer de outro encontro possível, com outra dimensão do poder: poder afetar-se e produzir afecto pela e na potência de viver. O contágio com a vida que pulsa produz afecto, efeito do encontro entre corpos, que percorridos pela intensidade, ampliam seu potencial de existência e de ação.

Neste sentido, aposto em uma inversão do tempo foucaultiano, a partir de “A vida dos Homens Infames”: vidas de indivíduos que não tiveram qualquer reconhecimento social, para além de seus desajustes com a norma e da necessidade conseqüente de punição. Homens e mulheres tidos como loucos, criminosos, violentos, perigosos, existência sem rastro, porém “atravessadas por um certo ardor (...) animadas por uma violência, uma energia, um excesso na malvadeza, na vilania, na baixeza, na obstinação ou no azar que lhes dava, aos olhos de seus familiares, e à proporção de sua própria mediocridade, uma espécie de grandeza assustadora ou digna de pena” (2003, p. 207).

Nessa escrita, Foucault busca restituir o mínimo de vida à registros mortos, encontrados em “arquivos do internamento, da polícia, das petições ao rei e das cartas régias com ordem de prisão” (2003, p.211). Já nesta, proponho, através dos



encontros narrativos, abrir espaço para dizer de vidas deste tempo, do presente – que têm nome, corpo, história, desejo, sentimento que pulsam no agora - que não cabem em estatísticas, nem podem restar notícia através dela. Não são dados de morte, mas trajetos de existências que transbordam vida em seus modos de resistir, em sua potência de afecto, em seu compartilhamento de alegria.

A ideia de encontros narrativos diz de experimentações em ato com a própria teoria que nos orienta, no exercício de utilizar e ampliar o alcance dos conceitos, em contágio com a vida. Os encontros narrativos não se sustentam, necessariamente, em sua extensão cronológica, mas na duração sensível que percorre nossos corpos, a partir de sua vivência. Inspirada nas leituras de Foucault, proponho reunir estas narrativas de encontro para apresentar uma composição de arquivos de experiência: registros dos acontecimentos, tensionamentos, questões, afetos, trocas, movimentos do pensar, guiados pelas marcas de afetação, no encontro de nossos corpos. Estar com jovens é fonte que me transborda em potência de viver e agir, criando liberdade, em meus passos. Um pensamento corporificado na cartografia deste encontro, alinha experimentação e conceito, na trama de viver em companhia da juventude e de devir-jovem.

## TRACEJAR UM PERCURSO: encontros narrativos

Escrevemos o *Anti-Édipo* a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante. Distribuímos hábeis pseudônimos para dissimular. Por que preservamos nossos nomes? Por hábito, exclusivamente por hábito. Para passarmos despercebidos. Para tornar imperceptível, não a nós mesmos, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar. E, finalmente, porque é agradável falar como todo mundo e dizer o sol nasce, quando todo mundo sabe que essa é apenas uma maneira de falar. Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados.” (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p.17)

É preciso fazer aviso: a narrativa que segue – e as que vieram, ou virão – não são minhas, não são literais...E se não são minhas, não é porque não me ocorreram, muito menos porque não as vivi, mas porque transbordam a possibilidade de que meu corpo as contenha e de que, nele, se encerrem as conexões que esta história aqui redigida, fez, faz, ou fará. Ouso conta-la desde meu ponto de vista, na necessidade de produzir certa autoria de vida e também por sentir-me posicionada em lugar de enunciação. Enunciação de um modo de viver e de relacionar-se; de um processo formativo; de uma maneira de tornar-se corpo de trabalho e dos afetos que nos acompanham durante esse percurso e que a mim, são caríssimos e necessários afirmar: precisam ser ditos, precisam ter lugar precisam encontrar forma de expressão. Meu *eu*, nesse trajeto de escrita, não é interioridade individual, mas compõe um agenciamento coletivo narrativo – que, movido pela ética – busca dar certo contorno que torne mais visíveis, dizíveis e sensíveis tantas forças que nos atravessam na vida; neste caso, na vida em companhia de tantos e de tantas jovens.

Aliás, se há algo a ser dito por mim, é porque estar com eles me toma em contágio com a vontade *de*. Vontade de estar em movimento, de sorrir, de questionar, de criar, de ampliar territórios de existir em diferença e liberdade, de *patifar* com essa disciplina toda, essa receita de bolo de como ser mulher, como ser psicóloga, como ser pesquisadora, como ser gente, na relação com tantos instituídos sociais, como família, educação, trabalho.

A relação com a juventude se inaugurou a partir do lugar da universidade, dos estágios curriculares da graduação em psicologia e, principalmente, da relação com a Extensão.

**(FOLHA TRANSPARENTE)**

**Narrativas de um percurso tecido por encontros, inscritos pela intensidade de marcas, que desacomodam o pensamento-representação. Percurso orientado pela criação de novos territórios de existência e ação. Neste sentido, dá a ver um certo modo de pensar e viver em conexão com o plano ético-político, que não cabe na cronologia específica que lhe dá forma: faz ver, dizer e sentir o mundo que nos subjetiva.**

**12 de maio de 2005**

Estamos em uma casa grande, em um bairro rico e de difícil acesso, via transporte público, dada a reduzida oferta de linhas e horários que circulam pela região. Integra um grupo de psicoterapeutas brancas - mulheres, em sua maioria, que, contudo, organizam com cuidado, agilidade e precisão, a agenda, os encaminhamentos, ou trocas com o dono da instituição - homem, psiquiatra, de poucas palavras - as vezes sarcásticas - e também ele, como o bairro, de difícil acesso. Há um *dressingcode* - saltos, colares, bolsas, saias ou vestidos, *até o joelho*, blusas coloridas, *mas sem decote*, cabelos bem penteados, maquiagem, leve e discreta - *evitando sobretudo batons marcantes*. Nas férias, é comum que alguém, profissional ou estagiário mesmo, vá à Bariloche, Paris, Londres, Estados Unidos. O ingresso da formatura dos cursos de especialização passa dos **100** reais. Usa-se longo.

É nesse local, que o estágio curricular em processos clínicos a leva ao encontro de crianças e adolescentes em acolhimento institucional. Chamam-lhe casos especiais. São atendidos individualmente, de forma gratuita, pelo período de um ano, por estagiários. Quem lhes apresenta, são os psicólogos ou assistentes sociais que trabalham nos lugares onde eles vivem. Onde vivem uma história bem diferente da que se pode contar sobre férias em Bariloche, saltos altos e mais de **100** reais, por pessoa, pra fazer uma refeição comemorativa. As quatro paredes, as duas poltronas e as histórias que não cabem em tão poucos anos de vida, fazem-na experimentar, nessa relação com eles, a insuficiência. Insuficiência das concepções instituídas sobre a prática clínica, seus limites e seu alcance. Concepções que intervêm sobre o indivíduo, que localizam nele - e em sua história privada-familiar - a origem de conflitos, nomeando suas faltas, inaptidões, ineficácias em corresponder a um modo social tido como normal. Intervenções que propõe o

desenvolvimento de habilidades que deverão fazê-lo mais feliz, mais apto, mais adequado ao modo social meritocrático, hierárquico, preconceituoso e desigual que vivemos. Práticas dadas na solidão de um consultório, onde se escuta, mas não se ouve: se escuta um indivíduo, buscando o que o torna sujeito, mas se falha em ouvir as forças que reverberam em seu corpo, que se atualizam em sua subjetividade e que fazem falar um modo social historicamente produzido, um processo de constituição de realidade(s).

Localizada em tal estrutura, que lhe prescreve um modo de ser e de fazer, ela sentia se percorrer de desconforto inominável: afectos e perceptos que tinham passagem pelo corpo e se faziam anunciar na angústia daquilo que não parece, que não cai bem; angústia de quem que se percebe na necessidade de percorrer outro caminho, sem saber muito bem qual, ou como seguir por ele...quem sabe, mesmo, como abri-lo. Necessita compartilhar o que pensa e sente de modo mais livre, despojado. Sente-se presa na ordem da linguagem: é preciso fazer-se levar a sério; é preciso ser eloquente; é preciso demonstrar seu saber significante, interpretativo, resolutivo, colonizador-colonizado. É preciso fazer semblante. Mas que é isso mesmo? Por acaso dá pra gente sustentar pose e cara que não é a nossa? Por quanto tempo? Pensamento tensionado. Musculatura faz nó. Mandíbula faz o que o dentista chama bruxismo. Essa vida tão individualizada é feitiço mesmo...e não é dos bons não.

Quer sentir-se menos só. Quer sentir-se mais alegre. Quer ouvir que seu batom vermelho deixa ela linda...e que se usá-lo desperta algo em alguém, não é culpa dela não. Não pode ser culpa dela. Quer ouvir mais dos encontros e menos da dissecação analítica do que foi dito, ou do que poderia ter sido dito, ou ainda, do que não se deve dizer. Palavra que produz corte, que faz falta... Importa a ela a palavra que produz viver, que produz companhia e presença. Importa a palavra que produz ação.

Ouve lá na universidade, de uns professores que ela gosta muito de escutar - mas que nem sempre consegue bem entender - que um cara chamado Agamben disse que toda ação é política. Não é só o que se faz representando? votando? militando? Vem a conhecer o planos, macro e micropolíticos e entende um pouco mais sobre essa história de que tudo que se faz, ou se deixa de fazer, produz o mundo que a gente vive. Entende que quer e que pode fazer política: quer fazer parte, quer pensar porque é que música e filme em inglês é melhor que em português ou espanhol, quer olhar pro lugar onde vive, fazer mais rede, lutar pelas garantias de direitos e pelas políticas públicas, quer pensar seu lugar e o que tem a dizer sobre as discussões de raça, gênero e classe. Quer se sentir mais autora de um movimento de desconstruir, construir, reconstruir os *limites da clínica*, a partir da experimentação de viver, orientada segundo um posicionamento ético-estético-político que se atualiza através do fazer coletivo.

Estar com os jovens que experimentam vidas tão radicalmente diferentes da dela e que ainda assim, são olhados a partir um paradigma que busca reconhecer e produzir identidade, causa-lhe questões sobre um fazer clínico com endereço fixo e hora marcada: os pacientes chegam, os terapeutas atendem. Finalizado o tempo da sessão, localizados os elementos que causam sofrimento ao paciente e como esse pode - de maneira bastante solitária - buscar melhorar, aproximar-se, talvez, de um desejo de felicidade... a vida prosseguia, tão solitária quanto a busca individual por transformá-la. O que mais podia ela? O que mais podia a psicologia?

Alimentada dessas questões que fizeram furacão com o território conceitual que a vinha orientando, durante quase todo percurso da graduação, embarca em viagem nova, rumo a outras estações. Chegam a ela notícias de outras possibilidades de se pensar, trabalhar e estar com jovens: cursa disciplina curricular, ministrada - por eventos político-estruturais, ou

por forcinha do destino - em escola pública estadual de ensino médio; em meio a jovens, em sua experiência com a educação e com a disciplina dos portões gradeados e das sirenes ao tom prisional, que anunciavam o horário do lanche. Ela se vê em contágio com o ato de pensar, com a vida jovem que solicita romper, fugir da norma, para criar no exercício de experimentar os dias. A Primeira Pré-conferência Municipal da Criança e do Adolescente, foi o seu exercício primeiro, sua lição de casa...exercício com o agenciamento de coragem !!! que lhe contagia o jovem, coragem de se poder fazer luta, através da palavra e de como se a diz:

*Encontra seu caminho, finalmente, e é recebida no auditório pela música dos meninos da Tuca. Sente-se feliz, contagiada, afetada. Seus sentimentos afloram ainda mais ao hino sinalizado: silencioso no auditório, cheio de vida e movimento nos gestos daqueles cidadãos. Um hino nunca significara muito mais que uma obrigação formal para ela; meia dúzia de palavras balbuciadas em coro; mas naquele momento, pela primeira vez, sentiu que podia fazer parte, conectar-se com o 'brasileiro' dentro dela, através daqueles jovens. E teve esperança.*

*Talvez o despertar desses sentimentos mude um pouco a natureza deste relato, que inicialmente se deu em 3ª pessoa. Penso que a inversão se faz reflexo da passagem de um observador, que assimila o espaço novo ao qual chega, para um participante ativo, que tem voz, que comunica suas ideias e ideais. Agora conjugo os verbos como 'eu', porque não há sentido desembaraçar-me de uma situação em que inundei-me e que me inundou.*

*Iniciou-se com uma mesa de recepção, que mostrou-nos porque devemos militar, reivindicar e nos fortalecer: tanto pelos profissionais comprometidos e coerentes, quanto mais, infelizmente, por uns caricatos representantes de um pensamento moralista, fatalista, individualista e perverso que veem, para o futuro dos "muitos adolescentes que abrigamos com algum tipo*



de CID<sup>9</sup>" (quot), redes de supermercados como a melhor oportunidade que eles encontrarão; que zombam de políticas públicas constituídas a fim de assegurar os direitos básicos de crianças e adolescentes; que menosprezam as variáveis envolvidas na reintegração dos menores às famílias de origem ou às adoções.

"O dinheiro público não dá em árvore. Mas tenham calma, porque menos crianças estão nascendo e isso possibilitará a garantia de direitos"; "o abrigo é muito pior que qualquer casa". Que o impacto dessas falas me acompanhe como a lembrança de qual é o meu papel como psicóloga. Que o testemunho da atitude da minha professora, que não se calou frente a isso sempre, me motive a seguir em uma aposta na liberdade inerente às forças de poder. Que a potência das ações micropolíticas afrouxem-nos das amarras invisíveis, que parecem barram o nosso fazer.

*"Não podemos nos colocar de fora da situação, e em nenhum lugar estamos livres de toda relação de poder. Mas podemos sempre transformar a situação. Eu não quis então dizer que estamos sempre presos como em uma armadilha, mas, ao contrário, que estamos sempre livres. Enfim, em resumo que há sempre a possibilidade de transformar as coisas."*  
(Foucault, 1984, p. 256)

Ousar não calar. Ousar dizer do lugar e da forma que produz sentido e que denuncia um modo de viver produzido em exclusão, individualismo, violência, preconceito, um modo que visa lucro. Resistir em ética munida e alimentada de afetações. O encontro desestabiliza: coloca em análise um território conceitual e existencial constituído, os saberes que nos localizam. "É nos encontros que experimentamos os movimentos que nos forçam a problematizar, mais do que a responder, alterando a nossa subjetividade e abrindo-a para o intensivo" (NEVES, 2004, p.12). O encontro aciona perguntas, aciona um outro modo de viver a psicologia, na tentativa da construção de uma clínica, em diálogo com a experiência e a formação. A experimentação de

---

<sup>9</sup> Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde

outros modos, o exercício de ampliação de possibilidades de práticas e a necessidade de dizer delas, registrá-las, acionam o pesquisar.

Ela pensa que a coragem é extremamente contagiosa. Ou que sua imunidade - *gracias, su corpo!* - é baixa demais, a qualquer nível de exposição. Sente-me contagiada pelo contato, naquela disciplina da graduação, com um discurso e uma práxis que reconhecia corajosa, que reconhecia ética: era alento, e ao mesmo tempo, combustível.

## **20 de julho de 2012, com 18 de janeiro de 2012**

Foi o que disse a professora que ensinava lá na escola  
Que todos são iguais e que cota é esmola  
Cansada de esmolas e sem o dim da faculdade  
Ela ainda acorda cedo e limpa três apê no centro da cidade  
Experimenta nascer preto, pobre na comunidade  
Cê vai ver como são diferentes as oportunidades  
E nem venha me dizer que isso é vitimismo  
Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo!  
E nem venha me dizer que isso é vitimismo  
São nações escravizadas  
E culturas assassinadas  
(Bia Ferreira)

Embarca na extensão universitária. Um programa interdepartamental faz rede entre os saberes e campos da psicologia, da educação e do direito, para trabalhar extensão e pesquisa, junto a adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa, bem como, com egressos desse contexto. A execução de medida de Prestação de Serviço à Comunidade, traz jovens de outras regiões da cidade, para dentro da universidade pública. Não cumprem suas semanas varrendo, tirando lixo ou fazendo xerox, desassistidos; mas em setores da universidade, onde se procura ofertar espaço de criação e aprendizado, também um lugar para fazer parte da equipe. Uma vez passando por lá, é como se você criasse mais espaço pra família. Notícias de jovens que estiveram no programa chegam com frequência: por eles

mesmos, que vem visitar e contar da vida; pelas famílias, que as vezes pedem uma força; pela rede institucional, da qual nem sempre é fácil se desenvencilhar.

A defesa interdisciplinar busca assistir os jovens em seus direitos. A ideia é de que se olhe para a sua vida, pensando a complexidade de relações nas quais se insere e que o atravessam. Para além dos argumentos de um processo que tem ânsia de culpados e inocentes, a prática de uma assessoria jurídica que dialogue com a educação, saúde, assistência...que compreenda que um processo socioeducativo não se inicia, nem se encerra com a decisão de um juiz. Desafio de aproximar práticas e saberes colocados em tamanho distanciamento que a pergunta "qual meu lugar aqui, se não sou do direito?" segue insistindo.

Nesse terreno, o fazer psi não tem sala, nem poltrona...e a hora marcada, nem sempre funciona. Ela se sente criar. O tempo de estar em relação com a socioeducação é daquele que corre contra o relógio. Não é o tempo do inconsciente, do sujeito ou da sessão. São as semanas determinadas de cumprimento de medida; são os meses em privação de liberdade; são os prazos curtos para apelação de sentença. O tempo da lei, por vezes, marcado de injustiça. Há ali, outra coisa que não o desejo: a imposição, a ordem. Ela se vê de frente com aquele ditado: fazer do limão, a limonada. Transformar o puro ácido que tentam nos pingar boca a dentro, em algum frescor. Criar no tempo cronológico, brecha para um tempo de sentir, de sentido.

Sua tarefa, é estar com os jovens, se eles assim quiserem. Ali, eles tem escolha, abertura para certa autoria frente a tantas línguas que lhes falam e falam deles, sem que compreendam. Espaço pra romper com a atribuição numérica de um ato infracional que tenta engolir seu nome, sua historia, suas tristezas, também seus sonhos. Espaço pra se pensar na potência do "que mais eu sou? que mais eu posso? que mais eu quero?". Dá-se conta de que

quer compartilhar tais perguntas, que já acompanham os passos dela e criar outras, no encontro com a vida e seus movimentos.

Vida em movimento. Não é mais possível dizer que estamos em um lugar só. Estamos no centro da cidade, circulando por diferentes prédios e também pelas ruas e pelas praças: fazendo carteiras de identidade, tomando sol no parque, bebendo suco e comendo xis, trocando palavras alinhadas com passos, sorrindo aos comentários do que vamos encontrando pelas calçadas. Estamos no prédio da educação, no prédio do direito e no da psicologia...também na gráfica, na reitoria, na secretaria de pós graduação e fazendo vasos, no setor de cerâmica. Estamos no fórum, na sala de espera do andar da vara de infância e adolescência. Estamos na Delegacia Especializada da Criança e do Adolescente e também cruzando grades pra levar corpo, palavra e notícias do mundo lá fora, pra unidades de internação. Estamos em reunião: de equipe, com Centro de Referência Especializada em Assistência Social, no conselho gestor de medidas socioeducativas. Estamos juntos. E juntos, percorremos o movimento da vida que busca ampliar território de existir e quem sabe até acreditar que não tem só playboy na universidade: tem espaço de direito pra todo cidadão brasileiro; tem espaço pra jovem, negro-negra, indígena, da favela.

Seria hipocrisia dizer que a luta por ampliar territórios de circulação, pelos Direitos Humanos, pelo exercício da autonomia, pela possibilidade de fazer escolhas, se constitui em processo mágico, que libera das tramas de poder que operam preconceito, exclusão e violência. Essa luta é de resistência; de tentativa de criar práticas de liberdade de escolher e de sentir-se parte. Ela experimenta, com eles, as marcas de ser jovem negro, de boné de aba reta e corrente, que tenta confeccionar um simples documento de identificação: seguranças que ficam em frente das portas, olhares de desconforto ou descaso, a frequência da palavra "não" e a vontade de dar de costas e dizer "eu não queria isso mesmo...não preciso

disso...vamo embora!". Em seu proprio corpo, ela experimenta, mais uma vez, a marca de ser mulher, não pelos olhos dos ditos "jovens com os hormônios a mil" - nem por um segundo. Mas pela violência da disciplina e do controle que reconhecem no corpo feminino motivo mais que suficiente para se fazer cumprir a superioridade do desejo de, um único homem - que seja - em posição de poder.

Nem sua formação, nem a instituição a que representa, muito menos a relação de acompanhamento do jovem, previamente acordada em equipe, são argumentos validos, capazes de evitar sua exposição, tentativa de silenciamento, escárnio e objetificação. A violência do machismo e do fascismo invadem pele a dentro e se alojam nas entranhas de quem ousa lutar, de quem ousa ética, de quem ousa defender a liberdade.

Tal contexto gesta o gosto por estar com e acompanhar jovens, criando espaço para existência em diferença, para reconhecimento e apropriação de sua singularidade, para reivindicação de seu espaço, na circulação pela cidade. É neste programa, na relação com a extensão universitária, que ela comemora seu último dia como estudante de psicologia, seu primeiro dia como Psicóloga; e ainda, seus primeiros passos como pós-graduanda, em tímidas tentativas de nomear-se pesquisadora.

Os (des)encontros e caminhos pelo sistema socioeducativo enunciam processos de criminalização, judicialização e medicalização que parecem se corporificar na vida de jovens que são "apenas mais um": mais um favelado, mais um marginal, mais uma ameaça à ordem, mais uma narrativa de vida que não carece de ser ouvida em singularidade; afinal, toda sua história, tudo o que ele é e pode ser, se traduz e se mistura ao caldo indiscernível da massa.

A herança tutelar e punitiva, de um formato jurídico que recolhia crianças e jovens infratores e-ou moradores de rua -

identificados com a figura do *menor* - à casas de internação, se atualiza nas práticas de trabalho e nas relações institucionais que compõem o atual sistema socioeducativo, alimentando uma máquina instituída, e assegurando a manutenção de um sistema normatizador e excludente (LAZZAROTTO, 2014; VIDAL, 2015) Apesar do atual contexto de trabalho orientado por políticas públicas, cujas diretrizes se encontram no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990) e na Lei n.º 12.594-2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - Sinase (2012) e que tem suas ações sustentadas em uma concepção de responsabilização, aliada a um caráter pedagógico das medidas, além de uma orientação de acordo com o princípio da Proteção Integral da infância e adolescência, não são estes princípios com os quais eles se deparam no cotidiano de trabalho.

A identificação do "jovem problema-infrator-violento" acontece através de estratégias de normalização que individualizam e homogeneizam os modos de ser destes adolescentes, constituindo um modo normativo que desconsidera a multiplicidade que os constitui para pensar a intervenção socioeducativa. O controle das diferenças, amparado por saberes e especialidades, coloca-se, então, no sentido de produzir adaptação. São, também eles - de alguma forma - parte dessa engrenagem. Estão ali: posicionados enquanto agentes no funcionamento dessa estratégia de governo que opera a produção de um modelo normativo de existência em sociedade.

Contudo, algo segue fugindo. O axioma impresso pela máquina capitalista que insiste em nos produzir - individualistas, competitivos, moralistas, controladores e tão solitários - se desterritorializa e flui. Flui liberdade, em exercício, no sentido que Foucault lhe concede. Apesar de tantos elementos que os fazem sentir instalados no caos, no trabalho em equipe e com os adolescentes algo de uma ordem muito especial se dá: contagiante e vibrante, força que faz com que sigam em movimento. Experimentam espaço de compartilhar vidas e viveres muitos, sem

juízos, também sem negações das durezas e dos limites. Ela pensa que buscam criar zona de vizinhança, de convivência, em meio às aproximações e abismos que nos subjetivavam mulheres, homens, brancos, negros, heterossexuais, homossexuais, dentro-fora da lei.

Essa experimentação de compartilhar viver os aproxima de uma potência política que a amizade contém, fazendo-os sentir capazes de encontrar - e ser - apoio e conforto, produtores da possibilidade de criar e transformar a si mesmos e a suas relações. É como se sentissem o prazeroso gosto da possibilidade de existir em diferença, em singularidade, acompanhado, integrado, agente produtor de liberdades.

O paradoxo do contexto, do aparelho de governo e controle e das relações de liberdade, de constituição e ampliação de rede de apoio que ela encontra, faz pensar sobre o que se passa ali, que torna possível que as experiências vividas, que os afetos sentidos, que as palavras compartilhadas, existam e tenham lugar em um contexto de tanta dureza. Faz resistir aos enquadres físicos e prisões subjetivas que as unidades de internação tentam impor; faz deles abertos à aposta de criar um acompanhamento...

Estrear-se psicóloga e pesquisadora, neste contexto, é a ela possibilidade de forjar alguma segurança de um fazer também singular, também autêntico, guiado pelo afecto; ainda, constitui anúncio da necessidade de - na relação com jovens, educação, justiça, saúde e assistência - construir, acionar e articular redes: relacionais, institucionais, territoriais, **sensíveis**... capazes de fazer circular corpo, palavra, sentimento e sonhos.

Ela percebe que este momento lhe cria condições de sustentar a ousadia da sua própria coragem, em respeito a sua ética, de práticas em consonância com a verdade que a orienta: uma verdade em abertura ao movimento dos encontros e à

impermanência e plasticidade da vida. E que bom, pois os desafios que a encontram, na próxima página, superam suas expectativas de viver, trabalhar, aprender - também, ensinar - e tentar traçar mapa, mais a partir do movimento de cartografar, com o próprio corpo, do que de se localizar, através do confortável e conhecido lugar da universidade. Movida por uma certa atitude de inquietação com a vida, que a ensinaram os jovens, coloca-se a tecer novas redes.

### **17 de novembro de 2014 e 13 de novembro de 2017**

Estamos no extremo sul da cidade de Porto Alegre. Este bairro, que ela conheceu antes, apenas por nome e por frases que ouve se repetirem como "longe pra caramba", "perigoso", "quase uma outra cidade independente", também, como "lugar de força e de luta...em que a comunidade se uniu e se une pra trazer saúde, assistência e educação aos moradores" a recebe como trabalhadora da política dos Direitos Humanos. Uma vez ali, acrescenta aos discursos já conhecido sobre o local o hino "teu povo te ama", que lhe dá notícias de que ali se fez e se faz ecoar a resistência através do afecto, do pertencimento, da identidade. Identidade essa criada pela necessidade de se afirmar em território planejado e construído pra não se sair, pra não se ser porto-alegrense.

Lá nessa comunidade, disseram os índices estatísticos, se constituiu terreno de alto índice de mortalidade juvenil. Jovens que não param de morrer, criminalidade que não para de crescer: dados que não ficam mais invisíveis e convocam a intervenção do Estado. A estratégia ostensiva e repressiva da segurança pública não dá conta e eis que "a galera dos Direitos Humanos" encontra uma brecha pra desenvolver um projeto social em que ambos os lados podem "*sair ganhando*": É previsto - ou será prometido? -



que as mortes diminuirão, se for possível apostar nas vidas, fomentar sua educação, ofertando espaço de formação em iniciação profissional, cidadania, Direitos Humanos, gênero, raça, meio ambiente e cultura de paz.

Nestes espaços estão psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, educadores específicos, responsáveis por explorar a formação afirmativa dos jovens, em espaço de oficina. Quer-se poder escutar os jovens e pensar com eles planos de vida, articulando redes com a família, saúde, assistência, educação e inserção no trabalho. Nos territórios de mais altos índices de mortalidade juvenil, em Porto Alegre e região metropolitana, criam-se, então, Centros para jovens.

É neste espaço, que existe porque jovens morrem que o trabalho de psicologia acontece e que este pesquisador sente-escreve com o porquê este jovens vivem. É neste espaço que existe porque tantos dizem "não era nem pra eu chegar aos 16 anos" que a estratégia da segurança pública e dos Direitos Humanos operam a biopolítica: um controle dos corpos através da assistência à vida, em termos biológicos. Tal racionalidade opera por intervenções descentradas dos sujeitos, que gerem a vida da população através de mecanismos sutis de direcionamento a fins desejados e de produção de um modelo normativo de existência em sociedade (GUARESCHI *et al*, 2010).

A figura do menor, parece ter encontrado um lugar de permanência e reprodução através do *jovem das políticas públicas*, aquele que, reconhecido em condições de vulnerabilidade, deve ser vinculado à serviços de proteção, à programas de profissionalização, à políticas que visem sua ressocialização. Nesse sentido, o lugar da experimentação de uma vida adulta que se anuncia, de um exercício de autonomia e de escolhas, acaba se vinculando à práticas de governo que através do mote de fomentar e garantir a vida, controlam e direcionam processos e movimentos juvenis.

Vê-se então, pela primeira vez, muito preocupada - ou será cobrada? - em produzir. O número de jovens que deve acompanhar se multiplica, pelo menos, umas seis vezes. A forma de estar com eles, direta ou indiretamente, também se amplia consideravelmente. Vê se criar na equipe de trabalho uma referência para com ela: é a psicóloga e se espera dela. Esperam dela; o que acaba por produzir expectativa também dela, para consigo. Expectativa, ultimamente, de que sua própria juventude dê conta de encarnar esse lugar de saber psi e tudo que vem com ele.

Vai percebendo, contudo, que não esperam apenas que ela saiba. Estão preparados pra possíveis problemas, para não-saberes. Preparados para que ela tente adaptar ali um modo-consultório psicoterapêutico. Não parece que ficariam surpresos, caso ela não entendesse os conceitos de rede, de território, as atribuições dos serviços - da saúde, da assistência, etc - a luta das políticas públicas, a ordem da vida em movimento concreto, também burocratizado, engessado.

"Não tem problema não saber...a gente aprende, se ajuda...tu sabe com quem contar". Mas ela já tinha aprendido: na universidade, na extensão, na relação com aqueles professores que ela se esforçava pra entender, na forcinha que os jovens lhe deram pra ir em busca de um fazer psi menos instituído e regulado pelas quatro paredes de uma sala de atendimento. Ela já percebia que a atuação e a importância de seu precisava transbordar a escuta clínica individual e fazer-se mais: ouvir e escutar do sujeito, atenta ao que reverbera em seu corpo, ao que o atravessa e diz do funcionamento da vida que levamos, no modo social em que nos localizamos.

Se não esperavam que soubesse, pensou ela, era com ela o problema? Ou terá havido de se produzir encontros prévios com determinados modos de formar psicólogos e de ser psicólogo que sustentassem a construção dessa expectativa? Seguindo o rumo

deste conto fruto de encontro, além de tudo, ela: há tão pouco formada, não teria tido tempo de aprender com a vida concreta, com a prática. Condições que colocam em análise as relações que temos estabelecido entre teoria-produção de conhecimento e trabalho-prática-vida. Relações apartadas, dicotomizadas, que seguem produzindo formas idênticas de formação, formas idênticas de trabalho - para os quais, muitas vezes, nossa graduação, de fato, não nos preparou. Nossos racionalismos herméticos reverberam negativamente nas expectativas de nosso potencial de agir-atuar como profissionais. Pega-se perguntando, então, o que mais pode uma formação? Nos formamos para o trabalho?

Ela se vê demandada a se vestir de responsabilidade. Está de frente com outro semblante. Um semblante assustador de qual temor não e pode dizer: o de dar conta de, o da cobrança (dos outros e de si mesma), o de ser capaz não apenas de atingir metas, mas de atingi-las de um modo que respeite a ética da diferença e da singularidade. Volta a ouvir as palavras "qualitativo e quantitativo" e se vê no esforço de tratar, então, "qualitativamente a quantidade". Não pára. Seu corpo sobe e desce escadas de manhã, à tardinha..também se apresenta na casa de famílias, nos serviços da rede que visita, nas reuniões externas e formações das quais participa ; sua voz explica, acolhe, pergunta, responde, passa informação e é ouvida por um jovem sozinho, mas também por muitos, ao mesmo tempo, em espaço de oficina; suas mãos digitam e também escrevem...e escrevem tanto, que lhe doem os pulsos desacostumados a empunhar tanta caneta; seus olhos observam e estranham, muitas vezes, as ruas esburacadas, os meninos nas esquinas a postos, em plena luz do dia, as roupas rasgadas e sujas, ou a falta delas, nos dias de frio...seus olhos sentem dor, tristeza, impotência, empatia, se fazem abraço, também sorriso....ainda, buscam recolher impressões que o pensamento possa utilizar.

Ah, o pensamento, de tão requisitado, funciona em ritmo tão frenético, que às vezes lhe foge - e ela fica ali a encarar o

vazio de sua mente, de olhos arregalados e desconectados do mundo ao seu redor - e quando ele retorna, por vezes na madrugada, habita seus sonhos com ideias de resolver problemas e debate seus músculos que ficam rodopiando na cama, como se esse movimento pudesse ajudar a espantar os fantasmas do que é maior que ela - depende do tempo, depende dos outros, do que está em aberto e a aguarda na manhã seguinte. Preocupação: aquele ofício inoportuno, que não respeita hora, lugar, conveniência...medo do amanhã.

Constituir corpo de trabalho para dar conta do lugar de psicóloga, ali, passa também por sustentar escuta da violência, vulnerabilidade, dores, perdas que compõe o repertório das falas de jovens que contam, numerosamente, sobre os amigos que se foram, sobre aquele membro da família que não apenas morreu: foi exterminado - muitas vezes, em frente ao sedentos pixels de aparelhos eletrônicos, que viralizam imagens e filmagens, como *gifs* de bom dia, daquela tia que todos tem no *whatsapp*. Banalização do mal, diria Hannah Arendt e os contornos que assume no modo social de guerra sem fim, que vivemos hoje, nos mais diferentes âmbitos, nos mais diversos territórios.

É preciso fazer estes jovens viverem para que integrem nosso modo social e há, no mínimo uma dupla face neste ensejo: o controle e gestão com preocupação quantitativa, dado o investimento financeiro e a expectativa de alcance de metas; e a preocupação em proporcionar oportunidade de escolha, formação humanizada e espaço de convivência e emancipação de todo e cada um destes jovens, olhados não como número, muito menos como possíveis mortes, mas como vidas pulsantes.

É neste enredo que ela e a equipe se veem aos malabares com o tempo e com a necessidade de encontrar alguma forma possível de equilibrar ações capazes de operam a micro e a macropolítica. Do lado micro, tem-se o plano de forças que constitui a singularidade de cada vida, em suas relações sociais, afetivas,

territoriais; neste sentido, os orienta o exercício ético que compreende cada jovem em sua diferença e portanto, necessidade de escuta, intervenção e planejamento singular, que vá ao encontro de suas demandas. Do ponto de vista macro há o plano da forma, que organiza e normatiza suas relações com as experiências junto aos jovens, por meio de um conjunto de instruções que versam sobre a relevância de produzir dados estatísticos relevantes: os números de atendimentos prestados, articulações realizadas, formações concluídas, permanência no espaço para percurso formativo, são o que sustenta, ultimamente, a existência do projeto e a possibilidade de estar com cada um daqueles jovens singulares.

Habitar esse terreno híbrido é nada fácil. Mobiliza, primeiramente, o corpo que se vê convocado a perceber uma incessante atividade, associada à mente e a sua capacidade de observar com amplitude, pensar com agilidade e executar com a maior precisão possível. Tempo organizado e estratificado, que não sobra, nunca; os deixa sempre em dívida, formando dupla extremamente grata à agenda: lembrete da memória do que ficou do ontem e do que nos espera amanhã.

Contudo, é preciso dizer novamente que não é a morte, os números ou o endividamento de tempo que a toma, mas a vida que pede passagem, que contagia, que faz a ela, também, pulsar vivente. A intensidade de ser corpo, neste local, desterritorializa o que a universidade havia constituído, em sua trajetória acadêmica, de pesquisa e extensão. O sensível a percorre e inunda, no encontro entre nós e o plano político, engendrando, em diversos momentos, uma escrita intensiva, como tentativa de fuga da ameaça de captura na lógica neoliberal e biopolítica.

Mais uma vez, refugiar-se nas palavras. Palavras que vão se atentando a potência do sensível, contido nos encontros. O que estes fazem sentir, enquanto corpo e perceber, enquanto

mente, vão formando algum contorno: mapa que pode colocar em análise o que se passa entre nós, nas suas mais variadas ordens. Forças e formas que dizem da relação de movimento constante entre fluxo e representação, intensidade e organização. Permanente desafio de quem se abre a experiência do intempestivo: retrato da existência cíclica, em suas nuances de inconstâncias...fonte de criação de sentido...pra seguir movendo...vivendo...com vontade de.

E se, dito isso, se afirma que é preciso abrir espaço para percorrer o caminho que vai da intensidade do corpo à representação da mente - que dá contorno - torna-se necessário, ainda, sustentar que a via inversa também nos produz efeitos de encontro com o sensível. A palavra é capaz de alcançar o corpo e nele se instalar, reverberando afectos: a palavra provoca o sensível, criando sentidos singulares, na relação com o corpo...com como nos bate. Para dizer disso, conta-se, ainda, de uma última expectativa, com a qual ela se encontra, neste local. Expectativa que, primeiramente, causa o estranhamento do inesperado de tal atribuição, mas que com o tempo, vai encontrando espaço, e se fazendo sentir, dentre múltiplas possibilidades, como um carinho, que os jovens lhe oferecem. Os jovens a chamam de *sora*.

Nunca foi *sora*. O termo resgata de sua memória um passado em que até tentou ser: graduanda do curso de letras, contudo, encontrou o desespero de estar em sala de aula e sentir-se ignorada, sentir que o esforço e dedicação de horas de planejamento de atividade se esvaíam frente aos celulares e às conversas paralelas. Não sabia, àquela época, que dá pra ser *sora*, sem ser autoridade centralizadora e autoritária. Sua relação com os jovens, ali, a faz compreender que é preciso ser *sora*. Tanto porque há a algo do mundo que se deseja transmitir, quanto porque há tanto por aprender. Ensinar e aprender é também cuidar. É constituir relação de referência, de suporte para ver e dizer o mundo, a partir do lugar de quem vive. Tal concepção

cria fluidez nos papéis de ser mestre ou aprendiz: podem intercambiar-se no fluxo das relações e da vida.

Ser sora é poder ser companhia de percurso, testemunha de escolhas e esforços, presença que força o pensamento, em abertura permanente para o aprendizado do movimento de viver. Para isso, pensa, não há critério de idade, ou formação, mas disponibilidade de compartilhar histórias. Ser sora-aprendiz de jovens, é também um pouco encontrar o que nem se procurava e se perceber grata pela maravilha da surpresa de viver exercitando autenticidade e liberdade, nos encontros.

Talvez, ela não seja professora, naquele sentido tradicional, de referência hierárquica, autoritária, produtora de silêncios e pensamentos decorados idênticos. Contudo, algo lhe faz sentir *sora*, quando encontra com o que escreve aos jovens com quem vive:

(Registro para fala na abertura do I Seminário de Juventude e Saúde Mental)

*Vocês já devem ter me ouvido dizer e repetir que eu não sou professora. Não sou. Nem sei mesmo se sou psicóloga, ainda que tenha lá um diploma que ateste meus 5 anos de curso.*

*Me sinto desconfortável ao pensar que ensino alguém. Mais ainda, ao me imaginar com o título "daquela que sabe como tratar dos problemas dos outros". Não ensino, nem trato. Por outro lado, aprendo sempre; e conto sobre o que aprendi: comigo, com outros, com livros, com os lugares por onde andei. É por isso que gosto de me pensar como uma contadora de histórias: alguém que transmite um pouco de sua própria vida e das tantas com que teve e tem a sorte de cruzar, por esses muitos caminhos. Usando da memória - e vocês sabem que eu boto ela pra funcionar ao máximo, procurando chamar a cada um pelo nome, recordando dos momentos que já passei com cada um de vocês - busco contar sobre*

*o que penso, sobre o que acredito, mas sobretudo, sobre o que sinto.*

*Se digo o que penso é porque as palavras não cabem presas na garganta...formam nó, que precisa ser desfeito. Se compartilho o que acredito é porque honro todas as vidas que me tocaram e fortaleceram meus ideais: de respeito, de igualdade, de justiça, de inclusão, de esperança, de luta, de transformação da realidade e do mundo que queremos, através de nossas próprias mãos. Se sinto é porque a vida de vocês não me é indiferente, muito pelo contrário, é combustível que me faz seguir caminhando e existindo: alimenta meus sorrisos e gargalhadas; aumenta meu vocabulário de gírias e piadas; fortalece meus sonhos e crenças; gratifica meus ouvidos que escutam suas histórias; inunda minha alma, que ao lado de vocês, nunca está só e (quase) sempre em festa. Quase, porque nem todos os dias são maravilhosos, nem sempre estamos em sintonia e porque apesar de me sentir incrivelmente jovem, perto de vocês, tenho lá uns anos de diferença que me fazem meio adulta chata e cansada...mas só de vez em quando.*

*Por que escrevo tudo isso, hoje? Porque hoje é o dia que me pediram pra dizer pra vocês sobre Saúde Mental e queria muito que vocês pudessem saber de que lugar eu falo: do lugar de uma vida que, em muito, foi privilegiada; do lugar de alguém que não se considera especialista, ou detentora de saber; do lugar de alguém que já percebeu que um pouco que a vida que levamos, nesse mundo tão desigual é cheia de perguntas que nos fazem pensar: 'será que eu to ficando louca?'. Do lugar de alguém entendeu que a maior fonte de saúde mental está naqueles com quem vivemos: no quanto nos aceitam, no quanto nos fazem sentir importantes, amados, preciosos, pertencentes, reconhecidos.*

*Quero dizer que me sinto aceita por vocês. Me sinto acolhida. Me sinto reconhecida. Me sinto feliz. Me sinto viva e disposta a seguir vivendo e lutando por tudo aquilo que penso,*



*acredito, sinto...por tudo aquilo que vocês me ensinam todos os dias...e por ter conseguido colocar essas palavras hoje, nesse papel, que eu me sinto capaz de contar algumas histórias que já vi, ouvi, vivi e compartilhei...histórias que também fazem parte das histórias de vocês, ainda que, talvez, vocês não saibam.*

*Obrigada pelo dia de hoje, pela presença, pela escuta; sobretudo, obrigada pela oportunidade de aumentar a minha saúde mental através dessa escrita, através deste, e de tantos, encontros.*

**25 de julho de 2018 e 04 de março de 2013 e 08 de agosto de 2016 e 15 de janeiro de 2016 e...**

A abertura à composição de um pesquisar vivo e mutante, ao passo que se arranjam os caminhos, fez com que esta dissertação alçasse novos rumos, algumas vezes. Permaneceu, contudo, o tanto de amor e de alegria da relação com jovens e de como suas vidas intensas causam tensionamentos, os quais colocam em análise constante a racionalidade e o funcionamento das instituições - como trabalho e educação - desacomodando nossas intervenções, que não podem permanecer caladas e indiferentes aos marcadores de desigualdade que vem nos constituindo enquanto sujeitos sóciohistorico localizáveis. Raça, classe, gênero, pedem posicionamento e lugar, enquanto elementos que, uma vez reconhecidos, possibilitam estabelecer relação mínima. Já não podemos dizer "somos todos iguais", porque a juventude já não compra tal discurso: seus atos, gritos e mesmo silêncios são denúncia e reivindicação de território de existir.

Reconhecer nossas diferenças, contudo, é dar o primeiro passo para vislumbrar certo abismo do desterritório: onde falta receita, previsão sobre um modo de ser e de fazer. Jovens que cresceram - e muitos que até hoje convivem - com a marca da disciplina escolar, por exemplo, não sabem lá muito bem o que

fazer quando se lhes oferta possibilidade de desejar: que curso quero fazer? Qual oficina faz mais sentido? Como vejo meu futuro?

Afinal, que história mesmo é essa de autonomia e protagonismo, quando por anos me foi concedido um lugar de não saber, de calar, de respeitar quem não me respeita? Desafios de romper com formas e de se haver com o quão caótico pode ser lidar com o plano de forças. A delicadeza de construir um agir sem conter, capaz, contudo, de proporcionar certa continência, certo suporte à coragem de pensar-se em relação a si e ao mundo, de poder escolher, de responsabilizar-se pelos caminhos que se aposta percorrer, ou mesmo, abrir. Fomentar novas práticas é também dar espaço para que antigas sejam acolhidas, até que se possam abandonar, pelo caminho, na percepção de outros sentidos possíveis.

Escrever estas linhas, traz a mente episódio recente em que me vi de volta ao espaço de sala aula, na universidade, no lugar de docente. Pouco tempo levou para me perceber em estranhamento, com o silêncio. Silêncio que por anos me acompanhou no percurso de aprender. Aprendo agora na polifonia dos jovens, que não se fazem atentos por normas, mas por conexão. E que ensinam a cada passo, nesse lugar de sora, que me foi por eles concedido, que cabem muitos sorrisos, gritos, danças e músicas num processo de aprender-ensinar vivo, onde o papel de quem aprende e quem ensina corre solto, livre de hierarquias.

Nesta perspectiva, passado e presente se borram e se aproximam. O movimento de acompanhar jovens, em seus percursos de viver, atualiza o passado, no presente, através da experiência de produzir intervenção e escrita que potencialize e amplie nosso agir, a partir da singularidade de nossa existência. Estar com jovens, ontem, hoje, ou mesmo amanhã, coloca em questão a racionalidade de nosso viver. As experiências compartilhadas com jovens - praticantes intensos da vida, que buscam recolher dela alguma impressão de 'como é

que se faz, nesse mundo' - produz análise sobre nossa sociedade e no caso desta pesquisa, também sobre um modo de formação e de trabalho. A juventude dispara análise do que Foucault denominou regimes de visibilidade e dizibilidade: elementos encobertos e contidos na imagens e nos discursos que formam o conjunto de instituições e relações sociais em que nos inserimos.

A experiência deste percurso, me leva a proposta de acrescentar uma terceira categoria, um terceiro regime: o da sensibilidade. Se a imagem se abre em outras visibilidades, o discurso em outros dizíveis, acredito que o corpo, nos dê notícias de um plano do sensível. Percorrê-lo, extrapola a necessidade de localiza-lo especificamente entre universidade-extensão e território da cidade, na medida em que esse sensível flui e circula pela experiência: é causa e também efeito dessa.

**(FOLHA TRANSPARENTE)**

**Percurso de corpo psi que encontra com a educação. Ser *sora* causa estranhamento de marca que pede espaço para ocupar lugar de adulto-referência: de continência, companhia, incentivo, transmissão de saber, produção de algum lugar para que o corpo jovem se ensaie ser adulto, também.**

## CORPO-SORA

Um preto, um pobre  
Uma estudante  
Uma mulher sozinha  
Blue jeans e motocicletas  
Pessoas cinzas normais  
Garotas dentro da noite  
Revólver: cheira cachorro  
Os humilhados do parque  
Com os seus jornais  
Carneiros, mesa, trabalho  
Meu corpo que cai do oitavo andar  
E a solidão das pessoas  
Dessas capitais  
A violência da noite  
O movimento do tráfego  
Um rapaz delicado e alegre  
Que canta e requebra  
É demais!  
Cravos, espinhas no rosto  
Rock, Hot Dog  
Play it cool, baby  
Doze Jovens Coloridos  
Dois Policiais  
Cumprindo o seu duro dever  
E defendendo o seu amor  
E nossa vida  
Cumprindo o seu duro dever  
E defendendo o seu amor  
E nossa vida  
(Belchior)

"Ô, sora!"; "Tá bom, sora!"; "Olha a soooora, meu!"; "Sora, tu é engraçada"; "bah, a sora é modinha"; "sora, como tá teu bem-estar? senta aqui e conta pra gente"; "sora, tu é a primeira sora que eu vejo que usa esses colar ai"; "tá sora, eu sei que tu não é sora, mas não consigo não te chamar assim"; "o teu jeito é diferente sora, tu fala como a gente"; "bom dia, Aninha, tu tá muito ocupada hoje?"; "tu não é daqui, né? às vezes tu fala tipo como uns funk das antiga...não, não, não disse que tu é velha, sora"; "bah, sora, nem da oi pro cara!"; "bah, não chama a minha mãe não, sora! que que tu quer falar com ela?!"; "sora, tu vai no passeio com a gente?"; "bah, sora, como é o nome daquela mina nova? A gente ficou...tô apaixonado...mas bah, eu não me lembro o nome dela, sora...me ajuda!"; "sora eu não tava vindo porque deu ruim lá em casa"; "aah, sora não tô afim hoje! Tu fala demais"; "é que o cara foi eleito e ajudou a classe baixa...me diz um presidente que fez isso? Bolsa integral em

faculdade, cotas, mais empregos...ai os mano se mordem, né? a questão não é o roubo ou não, sora, a questão é quem vai preso nesse país"; "nada sora, só tô com sono!", "sora, sabia que eu quero ser psicóloga também?" "bah, sora, foi *fraupracaralho* a sexta naquele evento...as pessoas dizendo que jovem não sabe o que quer e um monte de coisa que a gente se sentiu mal...mas ai, uma guria muito *foda*, de um dos CJs, pegou o microfone e falou que a gente nunca era escutado e levado a sério, tanto que a gente tava lá, num evento na câmara e os políticos não deram nem as cara"; "sora, vou expor minhas telas lá no *multimeios*, sabia? Uma parede toda pra mim...tô famoso, daqui a pouco tô cobrando até ingresso"; "valeu, sora, tu é *nasc*"; "Não era nem pra eu tá viva, sora" "ô, preciso de ajuda com aquele livro que tu me emprestou, posso tirar uma dúvidas?"; "sora, tu conhece essa música? Te liga só", "mas tu quer ir mesmo comigo no médico? Não precisa, sora"; "Tá, sora, as 10h eu desço ai"; "Essa sora aí, até o que tu não queria, quando tu vê, tá falando, de boa"; "a perícia do inss é uma piada, sora! Eu tenho que estar sempre com o pai em todas essas correrias de saúde, porque se a gente nao sabe falar-explicar, eles nos passam pra trás...eu sei dos meus direitos"; "Amanhã a Rafa vem também sora, ai a gente acaba aquela conversa, tá?"; "bah, sora, serio que tu gosta de Rincon Sapiencia? O cara é foda! Me leva junto no shooow"; "eu quero mesmo é trabalhar, sora..essas atividade de oficina com pirralho que fica patifando o tempo todo não é pra mim...eu vim pelo curso profissionalizante, mas não to curtindo...to querendo sair do CJ", "ah, sora...se eu falar sobre isso, vou chorar", "sora, me identifico muito contigo", "Oi Ana, a gente pode conversar?", "É que a gente não é o futuro, né sora? A gente, é o presente!"

"Oi, meu amor, bom dia!" "bah, e esse cabelo ai, cara?" "Gabriel, com licença, Gabriel, por favor!" "meu, to ligada nesse rolê" "vai dizer que não tem aquelas coisas na vida que as pessoas ficam, tipo: 'ah, se nao fez é porque nao quis! Preguiçoso! Era

só ir lá e fazer!’ era mesmo só ir lá e fazer? Se fosse tão simples, a gente não ia e fazia?!...e pronto” “Seja muito, bem vinda ao CJ”; “é estranho mesmo conhecer pessoas, ainda mais nessa situação, tipo: qualé dessa mina aí sentada, que quer saber da minha vida!?”; “meu, respeita o objeto da palavra cara, o Jonas tá falando”, “ooi, prof, posso te roubar o Adrian um pouquinho?”, “Luana, tem uma vida fora desse celular, sabia?”, “quem aí sabe cozinhar?...e quem não sabe? Então, Diogo, tu que sabe, fazer arroz é barbada, neh? Mas pra quem não chega nem perto do fogão, como a Luiza, é barbada? Já queimou arroz, Lu? E se tivesse alguém junto contigo, tu te sentiria mais segura pra tentar fazer? Acho que é por aí, gente, o que é tranquilo pra mim, pode ser difícil pro outro, mas se alguém tá ali fazendo junto com a gente, a gente tenta, aprende, melhora, consegue...e quem sabe não queima mais o arroz”; “Sim, tô cansadona hoje mesmo”; “seriado? Ah, agora eu tô vendo *Raio Negro!*”, “bah, meu, tá de megafone hoje? Te escutei lá do outro lado do CJ”, “ah, vocês sabem que eu sou uma mala e que eu insisto...incomodo, tento de novo” “ate parece que a gente vai dormir num dia com 17, acorda com 18 e magicamente virou adulto! Mas vai dizer que as pessoas não te tratam como criança-dependente e de repente, tu “já é bem grandinho pra saber o que faz”?”, “oo, Misael...arrasou cara, muito obrigada”; “Galera, por favor, baixa o tom, a gente não consegue se escutar”; “E vocês tem alguém com quem vocês conseguem ser total sincero, que sabem que não vai rolar julgamento?”; “ah não, meu...tô ligada que tu consegue escrever bem mais...faz um esforcinho”, “como assim vocês não conhecem isso? Bah, eu tô velha msm”; “Que será que acontece que a gente se sente não escutado, e quando tem a oportunidade, não consegue confiar no colega?”; “cara eu acho que o amanhã a gente constrói hoje”; “ah, meu bem, hoje eu não consigo. Pode ser amanhã?”; “vem, na quarta que tem grupo!”; “hahahahaha”; “Desculpa...desculpa pela demora” “fala, que eu te escuto, meu amor”, “galera, seguinte, a ideia é que em cada oficina vocês registrem algo...e que depois esse material seja uma base-um

roteiro pra contar a história de vocês, do jeito que vocês quiserem"; "claro que eu vou contigo", "vocês sabem o que é uma políticapública?"; "O que eu não quero perder? A esperança e a confiança de que pode ser diferente, de que eu posso fazer algo pra que seja...todo dia...a coragem...a coragem de dizer o que eu penso, de lutar pelo que eu acredito."; "parece que realizacao é um troço tri gigante e meio inalcançavel, tipo: oh, hoje sou um ser humano realizado porque sou jogador do manchester, ganhei na mega-sena, tenho uma casa de 3 andares, piscina e carro na garagem, encontrei minha alma gêmea e ela nunca me incomoda...será que a gente não ta realizando o tempo todo?" "tu me espera um pouquinho, meu bem?", "bah, nao, né Vitor?!" "Digam o nome de vocês e o que vocês poderiam estar fazendo agora, que não estão, porque decidiram estar aqui"; "Hoje vamos conversar sobre a Pré-Conferência dos Direitos da Criança e do Adolescente. Alguma ideia sobre o que seja isso?" "Claro que eu também tenho as minhas tretas"; "sabe, acho que quando a gente nasce meio que nos dão uma mochila invisível que a gente vai carregando pra cima e pra baixo. Ai, vao botando umas coisas nessa mochila. Com o tempo, a gente vai botando tambem. La pelas tantas, ta pesado. As costas doem. A gente tala carregando um monte de peso inútil e não sabe como se livrar dele. Às vezes, a gente ate sabe o que é. O que não quer dizer que dá pra tirar, assim do nada. Tipo, a Gabriela é braba, bah, se mete em confusão, quando vê ta no meio do bolo. Ela sabe que isso não é legal pra ela: pode sair machucada, perder amigo, criar dor de cabeça desnecessária. Nem por isso a Gabriela dorme um dia pensando "bah, preciso ser menos esquentada" e no outro pah, magicamente ta calma!"; "O que faz sentido a gente levar numa mochila, pra, sei lá, acampar: ...agua...comida...barraca...repelente(porque senão os mosquitos nos comem vivos)...beleza...agora, faz sentido levar pro meio do mato um CPU?! Não faz...não tem luz e tu não foi acampar pra ficar no computador...Acho que na vida a gente fica por ai carregando altos cpu nas nossas mochilas, em baixo do braço. Acredito que nesse tempo que a gente vai viver aqui,



talvez dê pra gente equipar melhor nossa mochila, cada um com as suas ferramentas: tentando olhar pra o que não serve mais e deixar pra trás...buscando o que ajuda a construir e abrir novos caminhos...e se a gente não segue sozinho nessa caminhada, não, sei, mas acho que temos força de ir mais longe. Pra isso que a gente serve, galera, pra andar um pouco desse caminho com vocês... ainda que vocês não saibam bem qual é”;

“Obrigada...de coração, obrigada pela confiança”.

**(FOLHA TRANSPARENTE)**

**Escrita que percorre o movimento do discurso: desde o horror da infâmia do lugar social concedido ao jovem, ao encontro afetivo com o complexo e singular de suas vidas.**

## CORPO ALÉM DA INFÂMIA

Mas fique esperto porque sonho é planejamento,  
investimento, meta, tem que ter pensamento, estratégia,  
tática

Eu digo que sou sonhador, mas sonhador na prática  
Tô ligado que a vida bate, tô ligado quanto ela dói, mas  
com a palavra me ergo e permaneço, porque a rua é nóiz  
Portanto, meu irmão, preste atenção no que vende o  
rádio, o jornal, a televisão você quer o vinho, eles  
encarecem a rolha, deixa de ser bolha e abre o olho pra  
situação

A palavra é a escolha, a escolha é a palavra, meu irmão  
Se liga aqui, são palavras de um homem preto, samurai,  
brasileiro, cafuzo, versador, com tambor de ideias pra  
disparar

Não são palavras de otário, já te falei, escreve aí no  
seu diário:  
Se eu sou dono do mundo, é porque é do sonho que eu sou  
milionário!  
(Emicida)

"Nessa idade, as coisas não tem limites! Eles não tem medo de nada! Não tem valores a serem preservados...as relações interpessoais estão deturpadas, muitas vezes"

"Acho que eles só sabem ficar na internet. Whatsapp, facebook, instagram, não tem mais comunicação real. Tu chega a ver os casais por ai, cada um com seu celular. No meu tempo a gente saia pra conversar de verdade..."

"Quando falta disciplina, é essa juventude que a gente tem como resultado. Meus pais me ensinaram a respeitar os mais velhos. Quando um adulto falava, a gente baixava a cabeça...você não vê mais isso hoje. Eles não se calam."

"Acho que falta garra, sabe? Determinação, força de vontade. Ganharam tudo de mão beijada. Não tiveram que lutar pra conquistar nada na vida. Ai fica fácil. Quando eu era jovem, tinha uma calça jeans e nada mais. Hoje eles querem uma pra cada dia da semana. Não pode repetir e muito menos pode ser de qualquer marca."

"Boné de aba reta, camiseta larga, corrente de prata, bermuda e tênis nike. A gente já sabe até de onde vem..."

"Eles não querem nada com nada. Bando de desocupado e preguiçoso. Vai pra escola, mas não estuda. Trabalhar que é bom, não trabalha. Tão ai enchendo de desgosto as famílias e se tornando um problema pro nosso futuro. Que é que nos aguarda? Esse mundo ta perdido na mão dessa juventude"

"Tão muito abusados, dizem que sabem seus direitos! Direitos? Mas o que que é isso...se coloquem nos seus lugares"

"É muita informação. Eles não tem responsabilidade pra lidar com tanta coisa que circula na internet"

"A minha filha saiu com essa, esses dias: tava me desrespeitando, gritei com ela...me respondeu que ia me denunciar pro conselho tutelar...olha o absurdo!"

"Festa, curtição...beijo na boca...cada dia com um diferente."

"No meu tempo a gente dava soco na cara, na escola, e para...hoje, se precisar, eles vão até o fim"

"Passa a noite acordado, jogando videogame, esse guri...e de dia, ao invés de ficar com a gente, conversar...fica dormindo. Acorda, sai pra pegar algo pra comer. Volta pro quarto e lá fica enfurnado...a gente só ouve o barulho dos jogos, dos seriados."

"Sabe por que esses gay e transexual morrem cedo? Morrem porque tão metido com droga, não tem outra explicação"

"Hoje tá cheio de serviço e história de proteger os jovens, de não poder fazer nada com os jovens, de não encostar nos jovens...assim eles não aprendem nada!"

"Tu olha o estilo, já sabe...bando de marginal...cria do crime...tem que leva pau da polícia mesmo."

"Tão lá, na FASE, comendo e bebendo bem...quando fizer 18, passa pro Central...pra se sustentar com o suor dos nossos impostos."

"Essa geração tá demais...sem respeito...sem valor...sem vontade...esse mundo tá perdido...eu não tenho esperança de futuro pra gente"

"Ah, lá vem esse pessoalzinho dos Direitos Humanos, defendendo bandido...Direitos Humanos pra humanos direitos!"

"Ah, quer saber...eu tenho é saudade sabe...saudade de sentir que minha vida era pra sempre. Que eu podia dormir sobre os meus problemas e que eles se resolveriam, sem muita preocupação. Tenho saudade, sobretudo, de ter tempo: tempo de cochilar depois do almoço, de me recuperar de porre em plena quarta feira e dizer que foi algo que eu comi que me fez mal, de ter tempo pra ver um filme despreocupadamente, ou de ler um livro, sem objetivo; tenho saudade de não ser plenamente responsável pela comida que entra dentro de casa, pela roupa limpa, ou pelo aluguel...tenho saudade de pensar que tenho a vida toda pela frente...tenho saudade de acreditar...acreditar que posso alcançar todos os meus sonhos "

"Alto, cabelos loiros, longos e despenteados, os quais ordena um pouquinho, sob uma bandana enrolada. Olhos azuis e profundos. Voz aguda e ressonante - parece capaz de ecoar por todo prédio. Quando usa óculos estilo wayfarer tenho a nítida impressão que estou de frente a um jovem integrante da banda Gunsand Roses. Quando lhe digo, ele sorri o riso de quem se vê importante figura. É espírito tão sedento de vida, que não se deixa conter pelas paredes dos cômodos...não lhe podem prender...mas se lhe

tratam com respeito, são capazes de ouvir, ainda que em tons estridentes "SORA, TU SABE QUE EU NÃO MINTO PRA TI"... e receber abraços bem apertados, todos os dias, de quem está verdadeiramente feliz, de estar onde está"

"Foi realmente um presente de natal, sem tamanho! Eu e o Felipe estávamos sozinhos na sala, em um clima burocrático e desanimado, nos preparando para finalizar o trabalho pré-festividades. O mundo lá fora se umedecia de pesadas gotas d'agua. O víamos pelas esfumaçada janela. Às 11:00 descruzariamos nossos caminhos, ao encontro de nossos outros queridos. A esperança da vinda do Rafa, já nem existia.

Mas os cinco minutos finais daquela espera, nos aguardavam com a força daquelas surpresas que não detém expectativas. Batidas firmes à porta fechada anunciavam que alguém queria entrar: era a vida. Essa vida que brota e que se propaga, mesmo que invisível, mesmo que silenciosa. O Rafa entrou naquela sala desconcertando os planos da probabilidade e consertando a confiança de que há potência, de que há força! Nosso encontro foi dele. Falou mais do que eu já tinha ouvido em todos esses meses. Contava da vinda, da chuva, da ceia de natal e de sinceros planos para 2016. Foi assim que nosso encontro entrou também como resolução de um novo ano, fazendo conexão com o que ele deseja: fazer alguns documentos, pesquisar cursos e explorar a cidade. O final foi estendido: o Rafa podia e queria ficar por ali. Despedimo-nos ao final de um turno que fora preparado e conduzido pela beleza surpreendente da aposta na vida. Mais tarde, dei-me conta de que nada poderia ser mais representativo da véspera de natal do que aquilo que eu tinha vivido. Restaurei e fortaleci minhas cansadas forças de final de ano, para celebrar mais tarde, também, um trabalho que nasce, cresce e engrandece a cada pequeno-enorme inesperado encontro. Um feliz natal e ano novo a todos. O meu, já começou da melhor maneira possível."

"Um turbilhão. Tormenta de vida que luta contra a morte...todo dia...e que sorri com todos os músculos, toda vez que pode dançar. Amorosa...mesmo triste, todo dia passa pela sala de cada professor e cumprimenta com um beijo. Chama até de sr...sra. Fico desconcertada. Oscila: ora fala como se cada palavra dita, multiplicasse em 8...ora, cala, silêncio tão triste e desesperançoso, que se tem vontade de tomá-la no colo e curar todas suas dores de mundo."

"O conheci calado. Emudecido e solitário. Corpo que se arrastava pelos corredores, como se a vida lhe fosse sugada, a cada passo. Alto, muito magro, pálido...cabelos longos e muito pretos...olhos atentos...toca na cabeça, independente da temperatura (que agonia, menino). Quando me dei conta, era outro...tão outro...tão risonhamente e expansivamente notável que se fazia certa saudades dos dias que calava mais. "Hoje tá difícil, né, Israel". Nos saiu à namorador...beijos na recepção, nos corredores, no refeitório...passo por eles e lhes faço cara de "nojinho"...eles riem e se abraçam ainda mais forte, ainda mais perto. Quando conheci sua mãe, me disse que antes Israel não saía do quarto...hoje, não para em casa. Quando vem, a tardinha...traz até um amigo, pra escrever poesia"

"Menina muleca. Mulher negra linda. Brinco de argola, mão plena de anel, corrente larga que brilha no pescoço. Camiseta do WizKalhifa. Calça Rasgada. Cabelo cacheado, com mechas loiras. Presença que se sente, que se vê chegando de longe. Lança o verbo e solta a voz, na vida, no rap e na poesia. Me apresenta altos sons. Da vontade de ser amiga. Da alegria de ter por perto. E olhos que marejam e coração que pula, quando me diz 'obrigada, sora...eu te amo'."

"Após o grito que se negou a fazer, Lucas está mudo e marca a mesa, com um lápis, em compasso de angústia. Aquele momento me dói. Meu pensamento visita as discussões em equipe, a compreensão de que a MSE não nos parecia uma estratégia

suficientemente adequada, o cuidado urgente de que Lucas necessitava, as medidas protetivas na rede de saúde pública que não se efetivavam, o sofrimento daquele menino que perdurava, que tentava se tornar invisível, como se assim, pudesse deixar de existir.”

“Olhos de coruja. Sorriso encantador e maneiras de galã - recorde de três triângulos amorosos em um mês. Agrada-nos a todo tempo...e é afeito às câmeras...”menino propaganda”. Um belo dia, foi parar no parapeito da janela. “Quando vi, tava lá sora...não sei o que me deu”. Vida no limite. A mãe anuncia que ele deveria ter partido quando tinha 10 anos...seria melhor. Poucos lares para onde voltar e encontrar amor...muitos convites pra viver pelo mundo, sem lenço, sem documento”.

“Eu e Vinícius falávamos quase que duas línguas diferentes: ele, gírias que eu nunca tinha ouvido - *canalha*, por exemplo, passou a compor meu vocabulário com a naturalidade de quem adjetiva algo antiquado, estranho, feio; já eu, lhe oferecia palavras que soavam como monstros, pelo semblante que me devolvia...monstros canalhas, talvez.

Lembro de poucos momentos em que foi realmente difícil conversar com adolescentes...Vinicius me ensinou que é preciso criar outros acessos para compartilhar a diversidades dos micro-mundos que habitamos... e que uma das maneiras mais fáceis para se construir isso é começando por dizer “não sei”. Exercitamos muito não sabidos e desconhecidos, no tempo de nossos encontros, que ressoam seus efeitos em mim e dizem do lugar que ocupo hoje - lugar que está pronto a ser desocupado pela imprevisível dimensão da experiência, mas que, ao mesmo tempo, seguirá conduzido pela marca da aposta na possibilidade de um comum.”

“Quase um metro e oitenta. Cabelo blackpower que vibra sua personalidade. Olhos de confiança e ternura. Corpo que parece não sentir frio, nem mesmo quando outros desfilam mantas, tocas



e camadas de blusas. Abre baita sorriso quando discutimos gênero, sexualidade, raça...a mão chega a levantar na roda pra propor que a gente "discuta uma questão polemica, sora: o que vocês acham da legalização do aborto?" Tanta postura, tanta mulher, que homem nenhum chega perto. A solidão da mulher negra."

"Reage, chuta, chora, grita, implora: *eu vou fugir! tudo menos voltar para o abrigo! Tu me abandonou lá mãe!* Resiste, precisa respirar lá fora. Não quer estar ali e precisa comunicar suas necessidades: de amor, de cuidado... mas o que se ouve de seu pedido, majoritariamente, nos espaços em que circula, é o desajuste, o incômodo, a dificuldade de lidar com a peça que não encaixa onde deveria."

"Ele iniciou o cumprimento da medida em 13.04.2016, tendo participado de doze oficinas socioeducativas. No dia da avaliação final, chegou acompanhado de sua mãe, pontualmente, como ocorreu durante todo o processo, o qual ele concluiu sem atrasos ou faltas. Por participar ativamente das oficinas socioeducativas e dos setores de trabalho, concluiu a medida com antecedência superior a um mês, o que demonstra seu grande comprometimento.

Durante o processo, manifestou interesse em atividades artísticas, como desenho e pintura, pela escola e estudos, e, certo dia, comentou sobre gostar muito de cortar os cabelos dos amigos. A partir disso, buscamos, junto com ele, um curso profissionalizante de barbeiro e conseguimos uma bolsa de estudos para o curso. Assim, após a Avaliação Final, estivemos com Diego e sua mãe, para que ela assinasse o contrato e fizesse a matrícula de seu filho."

"Ele tem sorriso fácil e companhia leve. Fala o que pensa e também sabe escutar. Faz umas andanças pela cidade, acompanhando sua dupla inseparável que é apaixonado por fotografia: amigo tão alegre e parceiro quanto ele. Teve uma tarde que não sorriu. Nem

falou. Seu olhar fitava o chão. No dia seguinte, pediu pra conversar...os olhos miravam o chão novamente, enquanto dizia que o amigo sofria...se cortava há bastante tempo e cada vez mais. Tentara, por inúmeras vezes conversar com ele, sem sucesso. Já que nada dera certo, marcou a própria carne também, em apelo. ‘Só quero que ele fique bem. Ninguém da família gosta dele, sora. Ele é tão sozinho. Eu faria qualquer coisa pra ver ele feliz.’”

“Sua figura proeminente se destaca na sala de espera. Apesar de - felizmente - não fazer jus à imagem pitoresca que os agentes educadores fizeram dele, o reconheço. Boné de aba reta, camiseta estampada, sapato de cores neons: uma representação típica da figura de um adolescente em seus 17 anos. Por que é preciso classificar?

Seus olhos fitam o chão. Suas mãos deslizam no entrelaçar de dedos. Seu sorriso embaçado aguarda: que o tempo passe, que algo aconteça, que a porta se abra. Quando falo, ele responde. Quando descontraio, ele respira e então fala de suas paixões, de futebol, de suas andanças. Quando cria coragem, dá-me breves notícias de uma vida que não cabe em 17 anos. E volta a se calar. Não. As marcas de acne não são suficientes para que eu o diga adolescente. Entre nós existe um abismo de sofrimento silencioso que a fala não alcança. Como ele poderia dizer o que já é duro pensar? Como propor um ambiente de confiança, se tudo que ele conhece é instável e hostil? Como oferecer minha compreensão, quando de fato, não dimensiono viver a experiência de como é perder tudo?”

“Nosso encontro, naquele dia, se alojou em mim e durou. Percorreu comigo as cancelas e grades da unidade de internação; caminhou pelas ruas semi-asfaltadas da Vila Cruzeiro, povoadas por vendinhas e moradores que fumavam seus cigarros a falar da vida; sentou no banco daquela mesma linha de ônibus, que já não era tão mesma assim, nem tão próxima dos muros dentro dos quais nos

encontramos; mirou paisagens ora cinzas, ora azuladas, embaladas pelo inconstante clima de Porto Alegre; e me doeu, como dizem sobre aquelas balas, que uma vez dentro da carne, não podendo mais ser retiradas, se fazem existir no corpo em insistente lembrança. Mas e quem sou eu pra falar em bala?

“Eu olho pra o livro e não consigo comer, Ana!”. Era o horror. Era o desespero em face à crueldade e à miséria humana. Era “O Holocausto Brasileiro”. Era, ainda, a fala que anuncia que a instituição total segue vazando pelos escombros de tantos muros derrubados e pelo furos de tantos outros que se erguem, habitando a mesma cidade que a gente.”

“Rotina de cuidar da irmã mais nova, cozinhar, limpar a casa, estudar, fazer tarefas, fazer rimas. Quando sobra tempo pra suas rimas? Quando sobra tempo para que a olhem? A mãe sai antes de o sol nasça e só volta quando ele já se pôs. Está cansada e brigam muito, porque a menina parece que sempre consegue deixar algo por fazer. É insuficiente. Em frente a tela luminosa do aparelho celular, ela observa que a mãe sorri. Talvez seja uma boa hora pra mostrar aquela música nova que compôs...mas parece que o sorriso se perde no contato com a vida real...quê fez de errado?”

“O encontro marcado na UFRJ era estratégico: conhecer alguém que pudesse ser referência, construir uma rede de apoio com um grupo parceiro. Esperei, mas ele não chegava, não tinha celular. E se tivesse havido algum mal-entendido? Cerca de três horas passadas do horário marcado, me preparei pra deixar, um tanto desanimada, a UFRJ e explorar um pouco a cidade, que eu estava conhecendo, pela primeira vez.

Cruzando a saída, a gente se encontrou. Parece mentira. E sinto que eu falho miseravelmente em transcrever a essa folha de papel o quanto eu também não podia acreditar no que vivia. Mais uma cena de script de filme pra nossa história e mais uma experimentação da diferença, que a nossa relação possibilitou:

senti na própria pele que vestia as roupas despojadas de alguém que está pronta pra uma passeio, não mais pra um acompanhamento, que o lugar constituído do *terapeuta*, de fato, se deslocava...era estranho, era em certa medida desconfortável, mas era mais que tudo alegria e deixei que ela me guiasse.

Sáimos. No primeiro passo para fora da universidade, me dei conta de que eu não sabia pra onde ir...ele me levou, já conhecia o caminho...mais alguns passos dados e o pensamento que me avisa: é ele que te acompanha hoje, não é tu que acompanha ele! Abri um sorriso ainda mais largo, enquanto ouvia as notícias de uma vida que percorria com a urgência - dessa vez da juventude, não da violência - as novidades e belezas da cidade maravilhosa".

"Lembra do dia que a mãe saiu pelo portão de casa e não voltou mais: não queria ser mãe, ele era um peso. Lembra do pai que tem um nome, mas não um rosto. Lembra de como gostaria de tirar com o toque de suas mãos as dores cotidianas da avó: seu porto seguro. Lembra da desesperança marcada pelas vozes de familiares que lhe dizem que não será ninguém na vida. Lembra dos amigos que se foram, arrancados de seus corpos pelas tristeza de viver. Lembra do prazer imediato da dor de marcar a pele com navalha, pra deixar de sentir. Lembra ainda de tudo que aprendeu sozinho, e que hoje ensina. O pouco que sabe, acredita, ainda será muito e ele quer transmitir. Quer ser professor."

**(FOLHA TRANSPARENTE)**

**Movimento das palavras no encontro, que se inscrevem como marca de afetação, produzindo pensamento e potência de vida**

## ENTRE NÓS

“Mil nações  
Moldaram minha cara  
Minha voz  
Uso pra dizer o que se cala  
Ser feliz no vão, no triste, é força que me embala  
O meu país  
É meu lugar de fala”  
(Elza Soares)

“- Cara, eai, algo mais que tu queira dizer?

- Sora, sim. Eu tô feliz. Hoje eu chorei...mas, finalmente, foi de alegria...nunca na minha vida eu pensei que fosse ter o amor de família, que eu tenho agora!”

“-Sora, e tu, me conta! Como tá tua vida? como foi o fim de semana? Preciso te dizer sora, tu tá diferente!

- Diferente, Vitor? como?

- Não sei, mais bonita, mais feliz...a gente nota”

“(discutindo muito)

- tá, galera, que que aconteceu? vamos baixar o tom?

- Não aconteceu nada, Sora...esse guri que fica sendo arrogante e metido comigo. Ele acha o que, que eu sou mãe dele?

- SORA, ela me deu um chute no saco, sora!

- Cris, tu deu um chute no saco dele?

-...

Dei sora...mas ele ficou se intrOMETENDO ONDE NÃO ERA CHAMADO...

(mais discussão)

- Chhhhhhh...galera...para...eu não vou falar com vocês gritando... (param por uns 3 segundos)...me contem, como foi hoje, como vocês chegaram aqui?

- ELE TÁ COM CIÚMES SORA, PORQUE QUIS FICAR COMIGO E EU NÃO FIQUEI!

- AH, NÃO FICOU?

- Ai, gente, sério? Por isso vocês tão se batendo?

- Tá, eu fiquei...mas foi uma vez só...MAS AÍ ELE FICOU ME PEDINDO FOTO...nua...E EU NÃO MANDEI...QUE É ISSO...AGORA ELE TA AI ME INCOMODANDO!”

“-Gente, pensem em 3 coisas que vocês acham que ‘homens falam’ e 3 coisas que ‘mulheres falam’.

- Homens: olha aquela gostosa; preciso de uma cerveja; partiu jogar futebol

- Mulheres: aquele cara é um embuste; ai, tô gorda; não tenho roupa”

“- Galera, o que o André trouxe é bem difícil...alguém quer falar um pouco sobre isso?

- É normal, né sora...a gente já tá acostumado...

- Sora, a gente é moleque de periferia... é quase um milagre a gente ainda tá vivo...chegar aos 20...

- É sora...o cara sabia onde tava se metendo né...fazer o que...

- Ah, sora...eu conhecia o cara...fizemos curso juntos...tinha 17 anos...que que eu posso dizer? espero que ele descanse...que Deus acompanhe”

“- O que pra vocês ficou disso que falamos hoje?

- Que a gente precisa das pessoas...ainda que não queira!”

“- Como foi a Pré Conferência dos Direitos da Criança e do Adolescente?

- Sora, foi incrível. A gente falou, sabe? Um espaço da gente falando pra gente. Eu parei pra pensar varias coisas, o quanto representatividade importa.

- A gente tem que tá nesses espaços. Aprender a lutar pelos nossos direitos. Saber quais eles são. Somos o futuro desse país.

- Não só o futuro, somos o presente. A gente ta vivo e a gente tem voz.”

“- O que vocês acharam da atividade?

- Que eu consegui dizer pro papel o que não digo pra ninguém!

- Percebi que eu nunca paro pra falar de mim!”

“- Conta comigo, tá?

- Sim, sora...tu também”

“- Tá gente, ideias pra formatura...falem!

- Ah, pode ter camarote pros jovens ali no 3° andar...um banner de parabéns...e ah, eu posso ser DJ...mas, sora, não vai ter Belchior!”

“- Como tu sabe que isso aconteceu?

- É verdade. O guardinha do São Pedro que contou!

- E o que dizem aqui na FASE, o que os *Seus* dizem sobre vocês, é tudo verdade também?

- Pfff, mas é certo que não!

- Então talvez a história do louco que matou a enfermeira também não seja!”

“- Cara, te deu conta de que é a primeira vez que eu te vejo na rua?

- Claaaro, saca só...viu a cor da minha pele? Peguei dois dia de sol na praia e to de volta...sou eu de novo...aquele lugar me deixou desbotado”

“- Gente, vocês querem falar sobre isso que o colega compartilhou, ou seguimos com o que planejei pra nós hoje?

- Bah, não, sora...segue ai...a coisa já tá pesada...vai ficar pior...vamos animar um pouco...”

“- Galera, vocês tem alguma pergunta sobre sexo que vocês não sabem onde encontrar resposta?

- Sora, tenho: queria saber porque quando a mina perde a virgindade ela se apaixona pelo cara?”



“- O cara nunca pisou na favela e quer falar que sabe como é viver aqui. Sabe o que é não ter comida pra amanhã? Ir dormir com fome? Pegar ônibus lotado, as vezes dois... levar duas horas pra chegar no trabalho, quando tem?

- é que nem branco falando de racismo... que nem branco sempre falando enquanto o preto escuta calado.

- é isso cara, é por isso que cada vez mais eu busco minha origens, busco conhecer minha cultura afro. A gente foi rei e rainha escravizado, tratado que nem bicho. Ninguém mais vai falar por mim.

- Quando eu vejo alguém da favela, mulher negra, que chegou lá, que tá na universidade, que é bem sucedida...eu tenho esperança, sabe...eu acredito que eu também posso.”

“- Qual a profissão que vocês menos respeitam? E porquê?

(12 jovens, o total dos que faziam a oficina, respondem) - Policial, os cara são abusado, te batem, te enxertam...te tratam como se tu não fosse nem gente!

- Uma amiga foi acusada de desacato e agressão, sora...ela nem tinha feito nada. Eu vi policiais homens batendo com a cabeça dela na parede e depois botando ela num camburão e levando pro DECA. Ela era uma gurria e ficou sozinha, com mais 4 policiais, até o centro da cidade”

“- Jonas, vamos lá comigo um pouquinho?!

- CARA, CUIDADO, NÃO DEIXA ELA ENTRAR NA TUA MENTE, CARA! Hahaha”

“- o que vocês acham de uma mulher que não se depila?

- nojento, estranho, é questão de higiene né, sora...toda mulher tem que se depilar!

- acho que ninguém é obrigado a nada!

- bah sora, acho que é diferente...mas essa resposta de higiene não cola...tipo, querido, uma coisa é não se depilar, outra coisa é não se lavar"

"- Ta, Ana, e que horas são agora?

- 11:30

- Ta, melhor eu ir indo...não sei bem que ônibus que pega e não posso me atrasar.

- Tu vai pegar ali na João Pessoa?

- Sim.

-Vamos junto, então...eu tenho que ir la pra Zona Sul"

"-É normal não ter desejo sexual?

- Ah, depende...é normal não ter o tempo todo...mas não ter nunca, acho que não.

- E mulher tem menos desejo que homem?

- Acho que sim, né...o cara é mais primitivo.

- Como assim, mais primitivo? Meu, 2018, estamos eu e você, um homem e uma mulher dividindo a mesma sala. Por que tu é mais primitivo que eu? A gente vive no mesmo tempo, querido."

"-Se você pudesse mudar o mundo, por onde começaria?

- Pela minha comunidade, pelos que mais precisam.

- Pela educação.

- Pelos moradores de rua.

-Pelos políticos"

"- Ah sora, ficou perguntas que eu queria fazer ainda!

- Tá, vocês querem mais um círculo sobre esse assunto, ai ficamos só com as perguntas de vocês

- Sim, sora, queremos!

- Tá, então tá combinado. Não vou preparar nada pra segunda que vem, hein...espaço de vocês...

- Ah não, sora...prepara...sabe como é"

"- O que você faz para ficar bem?

- Procuro meus amigos.

- Fico sozinha.

- Leio. Ouço musica.

- Bah, eu canto. Eu canto muito mal, sabe, mas me sinto tão bem cantando!"

"- Cara, tu tem certeza que é isso que tu quer?

- Sim...eu já decidi...eu to cansado, na moral, desse papo de que vão progredir minha medida...sei que tem gente que cumpriu muito menos tempo que eu e saiu. Se eu não me deixarem passar o ano novo com a minha família, eu vou fugir...depois eu volto."

"- E o que vocês acham de dois homens se beijando?

- Toda forma de amor é válida!

- Pra mim é maravilhoso!

- Ah, fico meio constrangido..."

"-O juiz ficou me perguntando o que o Natal significava pra mim.

- E o que tu disse?

- Que eu curtia tá com a minha família. Ai perguntou porque então eu tirei isso da família dos outros. Cara, não fui eu."

"- Qual o seu maior medo?

- De perder meus pais.

- De morrer sentindo dor.

- De viver uma vida sem sentido."

"- E se a mulher não quiser ter filho?

- acho que é porque não pode cuidar...

- porque não quer ter responsabilidade!

- me faz perguntar: porque a mulher tem que ser o núcleo da família?"

"- E foi ele que te criou?

- ele me ensinou o que é amor, o que é afeto. O que ele fez pela gente, ninguém mais faria. Quando as pessoas perguntavam de quem meu irmão e eu éramos filhos, ele enchia o peito e dizia "MEUS. É tudo meu...Todos meus filhos"

"- Tá, e vocês acham que ser do trafico é um trabalho?

- Claro que não, né sora...que trabalho que o cara vai ter que viver se escondendo?

- Ah, acho que é sim...mas não sei explicar porquê.

- Eu acho que é grana fácil...e nem me venha com essa de que foi abandonada, sofreu, não tem mãe...a minha família é super de boa e metade dos meus tios escolheu esse caminho...ninguém passou problemão com família não...o cara é fraco...não que trabalhar mesmo"

"- Oi, sora! Como tu ta?

- Cara, quanto tempo! Eu to bem e tu? O que tu tem feito?

- Bah sora, tudo sereno...na real, queria te agradecer e te fazer um pedido. Por isso, que vim falar contigo. Queria agradecer por toda força que tu e o pessoal me deu...e na moral, pedir uma mão, se tu souber de um trampo ou algo assim... é que sora, eu vou ser pai...preciso dar um jeito de cuidar da minha filha...sora, to feliz pra caralho."

"- Que trabalho tu pensa em seguir?

- Carreira militar....

- Porquê?

- Ah, porque é bom...é rígido...o cara aprende a se defender, ai já defende a família..."

"- O que pílula do dia seguinte e como ela é utilizada?

- É uma pílula que tu toma e ai 24hs depois pode ter relação sexual, de boas...

- Bah, meu, não viaja..."

"- Eu já vim três vezes aqui pra Praia Vermelha. A tia me trouxe pra assistir uma aula no curso dela.

- Sério? Que massa meu...e o que tu achou?

- Bah, a galera é responsa...não entendi altas parada, mas foi sereno! Já fui no Museu do Amanhã, também, altas tecnologia...no domingo a gente vai em roda de samba no centro...já fiz a trilha do morro do Vidigal, aquela que a gente viu a vista em foto, lembra?

- Claro que sim!

- É furioso...tem que ver a vista lá de casa...e a praia do Vidigal, então!

- Valeu a pena a decisão de vir? Não foi fácil, né?!

- Foi tenso...mas valeu demais..."

"- E como foi lá?

- Horrível! Na primeira semana eu ficava andando de cima pra baixo da cela, me batendo nos cara que dividiam comigo. Eu sou hiperativão, sabe...ai depois comecei a comer muito, engordei quase 15 kilos. Ai, me acostumei a dormir bastante também...o tempo passava mais rápido assim"

"- Como vocês acham que as pessoas veem o lugar onde vocês moram?

- Ah, sora...oh, meu irmão saiu com um amigo na cidade baixa...ai tava trovando um menina, eles tavam dançando juntos e tal...ela elogiando ele, dizendo que era gato - ele tinha se arrumado afu, sora, tava gato mesmo - ai quando soube de onde ele vinha, a guria nem quis mais ficar com ele...

- Acho que quando sabem de onde a gente vem, ficam com medo de arrastão...já gritaram isso pra mim na rua "oh, la vem a galera do arrastão, cuidado!"

"- O promotor ficou me chamando de chefe do tráfico e gritando pra saber das facções.

- E tu?

- Bah, eu fui ficando irritada, né...o cara me tratando como lixo, me cortando... falando um monte de mentira. Ai ele olhou o laudo que a gente pegou no CAPS<sup>10</sup> e disse que pra ele eu não parecia ter doença nenhuma...e que bipolaridade tava na moda.”

“- E tu pensa em seguir estudando?

- Bah, na real não...não sei. Acho que nunca me perguntaram isso.”

“- Aquelas ‘brincadeiras’ pesaram, né?

- Muito...as pessoas falam esse tipo de coisa porque não sabem o quanto dói. Nunca viram tirarem a vida de alguém que tu ama, na tua frente. Cinco tiros no peito e um na cabeça. Eu nem cheguei a dizer o quanto ele era importa. E sabe, sora, o IML não é diferente não...tratam como se fosse bicho, sem respeito nenhum pela pessoa...pela família que sofre...que não sabe mais do que vai ser a vida, depois que ele se vai...minha mãe nunca mais foi a mesmo”

“- Pode marcar isso? registra ai produção que no dia **05** de junho de **2016**, as **14hs** e **05** minutos, tu me contou, pela primeira vez, que sua vida ta dando certo, ta indo pra frente!

- Eu achei que eu não fosse voltar a acreditar...eu to me sentindo acreditar, mais uma vez, depois de tanto tempo...acreditar em mim.”

“-Como são esses momentos?

- Bah sora, eu nem sei...sei que sobe uma raiva que tá trancada desde que eu vi o meu pai lá no chão. Saio de mim. Começo a socar e chutar tudo, sem parar: parede ou gente. De repente, me pego olhando minhas mãos. Um sor me ensinou que olhar nosso corpo ajuda a gente a volta. Ai eu olho meu corpo...e volto.”

“- E tu te corta ainda, meu bem?

---

<sup>10</sup> Centro de Atenção Psicossocial

- Não, eu parei...parei quando minha mãe viu..ela perguntou porque eu tava fazendo aquilo...mas eu não sabia explicar...não soube o que dizer.

- Tu acha que tinha algo de diferente acontecendo naquela época?

- Ah...meus pais brigavam muito...era todo dia...depois se separaram. Meu pai voltou pra ex e não veio mais nos ver."

"- E porque será que a gente chama a companheira de um cara, de mulher do cara?

- Ah, sei lá, sora!

- A gente chama o cara de homem da mulher?

- Não né hahaha

- Então...mulher é coisa, objeto, pra ser 'a mulher de fulano'?

- Bah, pior, né sora...não tinha me ligado"

"-Tu tem alguma ideia do porque tu fugiu?

- Porque é só o que eu sei fazer!"

"-Como vocês, ou as suas famílias costumam resolver seus conflitos?

- Com silêncio...

-Meus pais, na briga...eu, na gilete"

"- O que vocês acham de chorar?

- É sinal de fraqueza

- Ah, eu acho que a pessoa tem que aprender a se controlar pra ser levada a sério.

- Bah, nada vê, eu choro e me sinto muito melhor"

"-Sora, tu tá sempre assim contente?

- Como assim?

- bah, não sei sora, eu te vejo sempre feliz, pra cima aqui com a gente...parece que tu quer mesmo estar aqui...isso anima o cara, sabe?"





**(FOLHA TRANSPARENTE)**

**Devir-jovem: redes de produção de pesquisa e trabalho que sustentam a afirmação de determinado modo de ser pesquisadora e psicóloga, em contágio com esta característica pulsante, corajosa e afetiva de ser jovem e ensaiar viver.**

**Pistas de experiência.**

## SUSTENTAÇÕES DE (RE)XISTÊNCIA

“Estou vivendo como um mero mortal profissional  
Percebendo que às vezes não dá pra ser didático  
Tendo que quebrar o tabu e os costumes frágeis das  
crenças limitantes  
Mesmo pisando firme em chão de giz  
De dentro pra fora da escola é fácil aderir a uma ética  
e uma ótica  
Presas em uma enciclopédia de ilusões bem selecionadas  
E contadas só por quem vence(...)  
E o que as crianças estão pensando?”  
(Elza Soares & Edgar)

“- Eu sinto o que tu escreve...é como se não fosse possível seguir uma articulação racional das palavras...a gente se perde na cadência...quando percebe, tá pensando no que o texto produz com a vida da gente...”

“- O que vocês acham que mudou pra melhor na juventude de hoje?  
- Com certeza, o diálogo. Na minha época a gente só obedecia calado.  
- Eles sabem falar. Sabem acessar informação.  
- Eles tem liberdade e flexibilidade.”

“- É que eu tô travada!  
- Acho que tu precisa pensar porque tá tão difícil abandonar essa escrita”

“(chego esbaforida, livros e papeis em uma mão, café na outra; bolsa pesada no ombro, rosto suado, coração palpitante) - Aaah, gente, desculpa o atraso. Foi muito corrido hoje...e o transito tava um inferno...  
- Ana, amada...seja bem vinda! (E estende os braços, para enlaçar-me, com sorriso de acolhida e conforto)”

“-Então, é essa a ideia...

-Acho que isso é necessário...precisamos pensar a prevenção...senão, seguiremos enxugando gelo e com um paninho bem pequeno!"

"- Acho que a gente precisa romper com essa relação um versus o outro. Pesquisa x extensão. Não é isso.

- Pesquisa é território em disputa também. Que pesquisa a gente afirma quando se vale da extensão? Chega de se perguntar qual o seu lugar na pesquisa? Já tá aí, já tá escrito. Já é notícia do que nos importa dizer...do que é preciso dizer."

"- E o que tu acha que a gente faz?

- A gente se fortalece. E a gente se cuida. Somos uma equipe e juntas a gente resiste e avança."

"- Aiiii gente, pera...eu preciso me concentrar...ou eu vou chorar de novo...

- tá...eu vou evitar olhar vocês nos olhos!

- Chora...a gente chora junto, se for preciso"

"-Parece que a palavra não vem...

- E talvez demore um pouco pra vir mesmo. Vive, descansa...aceita teu ritmo e teu silêncio também. Tá tudo certo"

"- Oi, combinado hoje?

- Ana, querida...vamos remarcar? eu tô com um prazo estourando pra amanhã. Pode ficar pra semana que vem?

- Claro, sem problemas"

"(comenta em post aleatório no facebook)

- Anaaaa, eu preciso de passar uns textos que eu pensei que podem te ajudar! Bah, pareço aquelas tias que comentam nos lugares errados"

"- Quem são esses jovens? Que afeto é esse de que tu diz?

- Como assim?

- É uma provocação...tu tá falando tanto em corpo...no teu corpo, no corpo da universidade. E o corpo deles? Fiquei aqui querendo saber de como eles se mostram? De como é que tu percebe eles? De como é que se produz corpo jovem que chega de alguma forma na universidade.

- essa, que eles as vezes nem sabem que existe.

- Essa mesmo. Isso é bizarro! É Porto Alegre, sabe. Fico pensando na minha história, vinda do interior. De lá to longe eu sabia e sonhava com esse lugar que hoje eu ocupo...onde hoje eu to sentada. É tão estranho, é tão abismo, que dentro de uma mesma cidade, esse lugar tão sonhado, tão direito da gente como cidadão, seja tornado tão invisível, tão não sabido."

"- Ei, posso falar contigo um pouquinho? Queria te dizer que foi muito importante pra mim o que tu disse na aula hoje! Eu fico sempre me perguntando se eu sei o suficiente pra dizer algo, pra escrever algo. Esses autores, esse professores, o que eles fizeram...eu me sinto tão pouco.

- Como pouco, amiga? Tu é maravilhosa! O que tu pensa, a tua crítica, a tua intensidade...é incrível. Não acho que a gente veio pra cá pra seguir dogma, não...a gente veio pra criar a partir do que eles produziram, se não a gente era máquina de xerox, e não ser humano. Confia nas tuas alianças! E conta comigo."

"- De que afetos tu tá falando?

- Como assim?

- Tu diz desses afetos que os jovens te produzem, no encontro, no corpo...e eu fico com vontade de saber quais...de saber que corpo é esse! Como tu percebe, como tu vê esse corpo-jovem?

"- Eu fico pensando o que é mesmo que a gente tá fazendo aqui. Ficar tendo essas conversas, refletindo, discursando, quando o mundo tá caindo lá fora e a gente tá aqui escrevendo texto. Será

que adianta? O que muda? Fazer essas pesquisas quali, estudo de caso...é muito pouco...que relevância isso tem, sabe, como transforma?

- Sinto teu medo. Eu também tenho. Acho que além do dado de realidade de que as estruturas sociais, como a gente as conhece, estão colapsando, há também essa sensação de pequenez, frente ao macro, de impotência. Acho que nada disso é estudo de caso, no sentido do indivíduo, mas situações de vida que corporificam uma serie de redes, relações, atravessamentos institucionais e modos de existir. Esses "casos" fazem pensar e fortalecem a necessidade de que a gente se articule. De que busquemos o que sempre foge à estrutura e cria novo, mudança. É nisso que eu aposto minhas fichas. Isso também é militar. Discurso produz prática."

"- Parabéns, pela tua força, meu amor. Pela tua coragem. Eu não sei se teria conseguido dizer o que tu disse, nessa situação.

- Eu não estava só. Em nenhum momento, eu estava só. A força de vocês estava lá comigo. Eu era coletivo."

"- Por que essa questão entre pesquisa e extensão?

- Porque acho que a pesquisa não tem alcançado algumas dimensões que a experiência da extensão oportuniza.

- O que tu leu não é pesquisa então? A gente precisa lembrar que pesquisa também é território em disputa. Precisa começar a dizer de que pesquisa é mesmo que afirmamos!

- Sim...a questão é, como se transforma essa relação pesquisa x extensão...não tinha me dado conta, mas, penso que tudo é muito mais complexo do que pode caber na dialética...então...porque é que a gente segue colocando pesquisa e extensão nesse lugar de polos opostos?"

"- Eu não tenho qualquer preocupação com a tua dissertação, Ana. Eu tenho certeza que vai ser linda e que tu vai conseguir escrever".

"- É esse o texto da Sueli, sobre marcas?

- Sim!!

- É muito lindo. Tô apaixonada.

- ;) muito bom né?! Tá aí tua marca inspiradora.

- Sim. Senti que eu, de alguma forma, experimentei essa relação de viver as marcas, em toda intensidade de tentar fazer corpo para elas; para então encontrar uma problematização conceitual que acolhe e compartilha dessa experiência. E isso é lindo. É encantador.

- Por aí. Que bom que estás sentindo o conceito agora."

"- A tua escrita me faz pensar no sofrimento de tornar-se trabalhador. Um sofrimento que não tem nome, nem espaço, nem voz...que não se fala: nem na universidade, nem no trabalho

- E como se cria espaço pra falar sobre isso?"

"- Sabe que, escutando essas falas, eu não sabia quem estava falando - profissional, ou jovem. Se tu não tivesse nomeado, eu não conseguiria dizer quem escreveu o quê.

- É sentir que nós escreve."

"- Acho que pesquisa e extensão dizem de movimentos.

- Quais?

- A pesquisa, me parece, um movimento mais pontual. Já a extensão...ela permite um movimento de encontro de corpos."

"- Que vocês acharam?

- Que o texto dá passagem a um saber que não está de um lado só! Quem te chama de sora, também tem saber"

"-Eaí, como tá a dissertação?

- Ah, tá...lá...e a tua?

- Tá...lá também.

- Me dá um abraço aqui!"

"- Preciso perguntar, o que me mantém ainda aqui?

- O carinho, a preocupação, a forma afetiva como a gente vê que tu te relaciona com os jovens."

"- A primeira disciplina do trabalho é no corpo"

"Oi Ana,

Escrevo para dizer que me senti impotente para fazer algo e acolher teu sofrimento.

...

Ontem segui para almoçar com meu filho e depois um incômodo cada vez maior foi tomando meu corpo. Tinha uma reunião do coletivo de análise institucional e lá acontecia a discussão de um curso de saúde e trabalho em socioeducação. Compartilhei a fala da psicóloga sobre o "machismo das mulheres" e a fala do socioeducador sobre os livros... Neste momento percebi o quanto foi difícil o momento da reunião que tu já havias enunciado. No processo de análise do que se passou ( e continua passando) vou encontrando as tuas dores, as dores dos jovens e destas trabalhadoras. E sinto um cansaço com tanto que escuto e com o pouco que nos escutamos.

E indaguei muito a minha posição enunciativa e o limite que tenho vivido para enfrentar estas questões, talvez por não ver mais sentido neste plano da intervenção e se dissesse algo seria "não concordamos com este procedimentos e não faremos, não trabalharemos neste local", e como não digo isso, fico paralisada e silencio... Mas as vozes continuam ecoando e pedindo passagem.

Talvez o mais digno seja dizer: não concordamos com este procedimento e os seguiremos para acessar o adolescente. Sem buscar compreensões ou uma certa mediação institucional, situando o impasse que nós enunciamos, mas que está lá dentro também.

No percurso de letras e horas penso que precisamos construir coletivamente essa análise e esse acolhimento, por isso a ideia de uma reunião na quarta de tarde."

"Li e reli teu e-mail. Num primeiro momento não tive forças pra respondê-lo. Estava tudo muito presente.

Desde a primeira leitura, senti um grande alívio com a possível saída que deste ao impasse de nos colocarmos em meio a um campo de forças incongruentes e que nos atravessam, nesses momentos mais difíceis, até mesmo via carne. A possibilidade de talvez enunciar o "não concordo, mas sigo ao lado do adolescente" me liberou um pouco da angústia de me ver calada em meio a barbáries, sofrimentos e aprisionamentos de tantas ordens.

Na terça-feira eu cheguei em casa e chorei e esbravejei contra um sentimento de injustiça para o qual eu não tateava saídas. Condenei as violências de gênero, o controle dos corpos, a reprodução de machismo e preconceitos. Então fui perguntada: por que tu escolheu esse trabalho? Por que tu não procura outra coisa que te traga menos sofrimento?

Aquilo me paralisou pela segunda vez no dia. Não consegui responder.

Logo depois escrevi...algo se liberou quando me resituei em relação as minhas convicções e compromissos éticos e percebi que era justamente por eles que eu sentia um mal estar tomar o meu corpo: como conviver com a angústia de ver-se numa instituição que funciona maciçamente dentro de uma lógica abominável, que (re)produz discursos violentos, preconceituosos e suportar desviar, pela compreensão estratégica da brecha que se cria no encontro com os guris? É suficiente que só eu, nós, saibamos dos motivos de nosso silêncio? Assim eu não me alio, não reproduzo, não contribuo pra sustentar toda essa máquina, esse funcionamento?

É difícil ouvir discursos que transitam tão livremente e tão numerosos... e sentir-se pequena. É difícil perceber que eles



ressoam e enunciam uma estrutura tão grande, complexa e imponente que se faz sentir presente, numa materialidade invisível, mas vigilante. É difícil suportar que esses discursos odiosos sejam tão legitimados, que apenas fluam, sem impedimentos e preocupações e que nossa resistência opere na estratégia prudente e delicada do tensionamento que não rompe, que aposta na ampliação de possibilidades de redes e de modos de si.

Não que seja sempre tão difícil, mas em momentos como os de terça, é como se um grito se contivesse e reverberasse, então, por dentro de nós.

Na tarde daquele mesmo dia, a pergunta, inesperadamente, se repetiu. Dessa vez pela voz de um dos dois guris que eu acompanhava para fazer carteiras de identidade e que veio a saber que eu era psicóloga: e porque é que tu escolheu trabalhar com isso, com guris, com socioeducação?

Eu me sentia cansada, mas respondi com a simplicidade e facilidade de palavras que pareciam não me habitar, algumas horas antes. Era como se saboreasse um sopro de leveza no sorriso e no balanço de cabeça assertivo, que Wesley esboçou quando me ouviu dizer: "por que eu acredito que as coisas podem ser diferentes...e acredito que nos encontros com as diferenças e diferentes pessoas é que crescemos, mudamos, aprendemos".

No dia seguinte, acordei sentindo que queria viver, parece que mais do que em outros dias. Queria ver e estar com pessoas e sair caminhando pelo sol. Algo tinha se transformado em força.

Na quinta, estive com Gustavo. Confesso que enquanto me arrumava para sair de casa, dei-me conta de que me sentia vigiada por muitos invisíveis olhos, que se alimentavam de regras e salivavam expectativas (ou seriam bocas que eu temia me engolirem?). Vesti-me um pouco menos de Ana naquela manhã, mas retornei imersa em afeto, narrativas e outras expectativas envolvendo cuidado, alteridade, respeito, e dentro que se fazem foras. Não tinha música, mas tudo isso foi embalado pela possibilidade uma leitura: a biografia de Nelson Mandela.

Ps: a tua presença foi um alento enorme na terça-feira. Apesar de perceber que estava difícil para ambas, que parecíamos bloqueadas, me senti acolhida sim; nas tuas palavras e na vontade que tínhamos de seguir juntas prolongando, através das voltas de carro, a necessidade de nos reconhecer em diferença a tudo aquilo. Te admiro cada dia mais. Obrigada por estar comigo neste e em tantos outros momentos.

Seguimos”

“- Olha...não é fácil!

- Não...mas a gente já tá bom em desativar bomba”

“PS: aproveitando a oportunidade, tenho ainda algumas palavras por dizer:

Muito obrigada pela aposta naquela estudante que te procurou na metade do ano, sedenta de outras forças e formas de fazer psicologia.

À toda equipe, agradeço também por uma acolhida e receptividade que me fizeram, desde muito cedo, sentir parte de algo maior que todos nós, perpassado por uma ética tão preciosa aos tempos que vivemos.

Nos vemos em 2016 (:”

## (FOLHA TRANSPARENTE)

“Essa arte de viver contrária a todas as formas de fascismo, estejam elas já instaladas ou próximas de sê-lo, é acompanhada de certo número de princípios essenciais, que resumirei como segue, se eu devesse fazer desse grande livro um manual ou um guia da vida cotidiana:

- Liberem a ação política de toda forma de paranóia unitária e totalizante.
- **Façam crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção**, e não por subdivisão e hierarquização piramidal.
- **Livrem-se das velhas categorias do Negativo (a lei, o limite, as castrações, a falta, a lacuna) que por tanto tempo o pensamento ocidental considerou sagradas, enquanto forma de poder e modo de acesso à realidade. Prefiram o que é positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades, os agenciamentos móveis aos sistemas. Considerem que o que é produtivo não é sedentário, mas nômade.**
- **Não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante**, mesmo se o que se combate é abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga nas formas da representação) que possui uma força revolucionária.
- Não utilizem o pensamento para dar a uma prática política um valor de Verdade; nem a ação política para desacreditar um pensamento, como se ele não passasse de pura especulação. Utilizem a prática política como um intensificador do pensamento, e a análise como multiplicador das formas e dos domínios de intervenção da ação política.
- Não exijam da política que ela restabeleça os “direitos” do indivíduo tal como a filosofia os definiu. O indivíduo é produto do poder. O que é preciso é “desindividualizar” pela multiplicação e o deslocamento, o agenciamento de combinações diferentes. O grupo não deve ser o liame orgânico que une indivíduos hierarquizados, mas um constante gerador de “desindividualização”.
- Não se apaixonem pelo poder.” (FOUCAULT, 1993, p 198)

## **O DISSERTAR TRACEJA MAPA: pistas de experimentar (com) a vida e a escrita**

Atravessei o mar  
Um sol da América do Sul me guia  
Trago uma mala de mão  
Dentro uma oração  
Um adeus  
Eu sou um corpo  
Um ser  
Um corpo só  
Tem cor, tem corte  
E a história do meu lugar  
Eu sou a minha própria embarcação  
Sou minha própria sorte  
(LUEDJI LUNA)

### **13 de setembro de 2018**

Estamos no segundo semestre do mestrado. É uma manhã ensolarada no Instituto de Psicologia e ela está entre colegas e amigos. Sente-se acolhida. Sente que é possível ser quem é: expressar suas angústias, narrar seus percursos e dúvidas, desocupar a cadeira de saber suposto pra deixar que as palavras lhe fluam, livres dos jargões característicos de quem pesquisa e estuda a psicologia social e institucional: condições de possibilidade, produção de subjetividade, relações de poder...Se lhe vierem essas expressões e outras, que seja por que lhe brotaram, não porque lhe forçaram.

Tem esse certo – como diriam os jovens - “ranço” acadêmico, uma percepção que a acompanha desde a graduação, de que estar neste espaço nos constrange a um molde de ser aluno, pesquisador. O modo de operar com pensamento e com a linguagem tem grande papel nisso, a seu ver, produzindo certa rigidez, certo engessamento subjetivo, físico, relacional.

Tem vontade de dizer: “seja você! Fale a partir do lugar do que te toca, do que te move, do que te afeta! No encontro contigo, te sinto preso, te sinto buscando corresponder, te sinto tateando um modo prescritivo de ser psicólogo, de ser pesquisador. Como seria ser livre?”. Ela se percebe imensamente grata. Os encontros produtores de afecto, em seu percurso acadêmico, lhe injetaram de coragem, de incentivo a uma verdade singular, de liberdade de ser e agir, de escolher.

Naquela manhã ensolarada, narra episódio de violência institucional, que sofreu em uma visita a jovem privado de liberdade. A marca daquela experiência começava a tornar-se mais cômoda, a encontrar nela certo espaço e a produzir com as palavras, novos horizontes de pensar. Ao final, conectada com uma certa sensação física - que não sabia dizer qual era, mas que a movia – pergunta: “e o corpo? Qual o lugar do nosso corpo nisso tudo? Bate no corpo primeiro, sabe. A gente sente no corpo. Quero falar sobre isso! Será que tem lugar pra isso na minha pesquisa?”

E como tinha. Pensar o corpo na relação com pesquisa e trabalho foi movimentando a possibilidade do pensar e do produzir conhecimento. Olhar para o que um corpo pode, em sua relação de afetação e potência de agir mobilizou escrita desta dissertação, em contágio pelo trabalho com a juventude.

Pensar a noção de corpo remete a uma multiplicidade de leituras e dimensões de significação que vão desde um corpo físico, alvo de relações de poder e suporte biológico, até a experiência daquilo para qual é preciso dar corpo, dar forma, abrir espaço de existência. Esse trânsito por corpos possíveis em seus variados planos dizem de percorrer o movimento entre corpos diversos: corpo universidade, corpo que não há, corpo que se torna- forma, corpo signo, corpo poder, corpo consultório, corpo desejo, corpo sem órgãos, corpo em experimentação com os afectos e com a vida. A experiência dessa circulação pelo que pode um corpo, em diversos planos, leva a expansão de sua noção. Esta pesquisa vive esta tensão da experiência de uma circulação por corpos e busca, portanto, dizer desse deslocamento, mais do que da fixação em uma noção específica.

Este dissertar toma corpo a partir do desejo de narrar encontros e de abrir espaço para ver, dizer e sentir a complexidade de viver. Quisemos criar arquivos de experiência que testemunhem a potência de existir e de resistir em um tempo que nos ameaça, seja por sua velocidade, prescrição normativa, ou modos de gestão de vida e de morte, onde a estatística ocupa lugar privilegiado.

Neste sentido, narrar e existir se confundem: duas dimensões que não se podem separar no ato de viver e criar, atento às marcas, aos pequenos deslocamentos e transformações que vão se conectando às multiplicidades e

acionando forças de reinvenção, para produzir diferença. Não narramos grandes eventos, acontecimentos que tem especificidade na história, mas o cotidiano em sua potência: pequenos movimentos investidos por afectos que vão compondo o novo, abertura à vontade de potência, ao contágio com a alegria e com a possibilidade de uma ética de cuidado.

Se não é possível, na perspectiva desta escrita, separar viver e criar, tampouco possível é, distinguir a experiência do encontro da produção de conhecimento e pensamento que se relaciona com ela. Experiência e teoria estão, aqui, implicadas uma na outra, fluindo na sensibilidade e nos deslocamentos produzidos pelo encontro. O encontro narrativo dá a ver o pensamento que o sustenta e também que o engendra, sem que se faça possível ou necessário explicitar referência teórica, que lhe conteria o movimento. O encontro narrativo que busca formar arquivos de experiência é a própria experimentação com a teoria, manuseio e criação com os conceitos.

Retomo a questão da ética, no sentido que Foucault lhe confere, de exercício sobre si, construído na relação, no encontro com a vida, numa prática que tem lugar no mundo mesmo que vivemos. A ética enquanto modo de ser e agir no mundo – visível - produtora de questionamentos que operam inquietação, e portanto, movimento, deslocamento. A ética enquanto prática reflexiva de liberdade é a possibilidade de controlar e limitar as redes de poder que nos gestionam. Através do exercício ético escolhemos, pautados no cuidado, em que relações e com que alianças pactuamos, também, que transformações e revoluções podemos operar. Na prática ética, transformamos a nós e ao mundo, através do pensamento em suas novas conexões, também das ações empreendidas no cotidiano.

Neste ensejo, que pesquisa se torna possível? Que questionamentos inquietam? Na formação em psicologia e no exercício do fazer psi, também nos deparamos com uma prescrição. A marca da neutralidade, o medo do manejo com os afectos - generalizados e catalogados em diversas terminologias, como *transferência*<sup>11</sup>, por exemplo, que levam psicólogos a se questionarem sobre os

---

<sup>11</sup> Conceito psicanalítico que diz das sensações despertadas no terapeuta, a partir da relação com o paciente e de como proceder com elas.

limites do que podem sentir, de uma correspondência de sua implicação a uma explicação teórica que lhe forneça certa continência.

“Ainda bem que não lhe respondi de tal forma, teria sido muito mais eu, do que meu papel de terapeuta. Que bom que me calei”. O que se passa na produção de afectos, no encontro entre estes corpos é desconsiderada, é silenciada, pois não se coloca enquanto elemento importante da escuta e da análise deste acontecimento; elemento que inclusive pode dar pistas de linhas a percorrer na composição da intervenção, do acompanhamento.

Considerar o que um corpo pode é estar atento a singularidade dos encontros e de como nos tocam. Deixar-se preencher pelos afectos é entrar em conexão com uma vontade de potência, capaz de transformar quem somos e como agimos, na expansão de nosso potencial. Reconhecer a força contida nos afectos e permitir-se afetar e ser afetado é dispor e utilizar de ferramenta conceitual cara a nossas práticas. O quanto nos limitamos por temê-la? Quanto perdemos por que na vida, no trabalho, somos assombrados pela ideia de que não nos podemos deixar afetar?

Movimentos cíclicos de viver as marcas que impulsionam nosso cartografar, ampliando o mapa conceitual, existencial e afetivo a partir dos deslocamentos do corpo, em sua conexão com a mente. Conexão essa que faz revisitar a ideia de uma clínica que vai da experimentação dos movimentos com afectos à nomeação de uma certo “modo de fazer”, que não é receita de bolo, mas que sacia – pelo menos, até a próxima fome – a necessidade de dar forma.

Não posso afirmar um fazer que bloqueia, que se cala frente ao que toca, ao que movimenta a singularidade de sua experiência no encontro. Não quero com isso dizer: utilize indiscriminadamente de suas afetações na produção de suas intervenções; mas esteja, sim, atento a elas e a sua força, na construção do seu modo de trabalhar e viver. Para o perigo dos excessos, já temos importantes pistas: prudência e delicadeza com a vida (DELEUZE & GUATTARI, 1996), regras que orientam o cartógrafo, na atenção a necessidade permanente de abertura a multiplicidade e a diferenciação, evitando linha única de análise, aplicação de fórmula.

Os afectos são intensidades que percorrem nosso corpo e produzem um pensamento em ato criativo. Neste sentido, o movimento deste pesquisar inundou-se em afetação, para respirar em escrita possível. Experimentando viver um modo ser psicóloga aliado ao sensível que nos percorre e nos encontra, vamos tomando corpo em abertura a transformação e ao deslocamento, orientado pela força de expansão.

E que afecto poderia nos fazer experimentar mais a capacidade de expandir – nosso corpo e existência – do que a alegria? Espinosa nos lembra de que quanto mais um corpo é capaz de afecções e alegria, mais também a mente é consciente de si. A produção de conhecimento em compromisso com a alegria, assim, faz resistência a um modo desafetado e desvitalizado de viver e de pensar, afirmando a potência de deixar-se afetar e ser afetado.

Debruço-me, agora, sob a escrita de certo mapa que permite vislumbrar a reunião de pistas de um percurso. Ao mirar este mapa, faz-se preciso dizer que muito pouco foi sofrimento ou tristeza – nem na escrita, tampouco na vida - se comparado ao que foi, e é, alegria e amor. Os jovens são contágio com a vontade de viver e criar corpo para existir. Transbordam afeto, carinho, sinceridade e nos transformam em alegria. Estar com eles e elas, também com os mestres – professores, autores, colegas, amigos – durante este percurso é o que possibilitou a escrita de toda e cada uma das palavras que fazem corpo-narrativa de minhas, de nossas, marcas.

Um último movimento de despedida, deixa pistas que enunciam a necessidade urgente de resistir e afirmar outra forma de viver: uma vida não fascista, uma vida potente e pulsante, uma vida alegre. Vida com a qual cruzamos nos corredores, acenamos bom-dia e abraçamos no encontro. Deslocamentos cotidianos que vão narrando nosso existir, em pensamento e ato, abrindo espaço para nossas transformações e revoluções - em formatos, tamanhos e tempos diversos.

Experimente-se criar, em fuga da correspondência. Não é preciso fazer semblante, ser neutro, ou ter a sobriedade de quem se costuma atribuir frases como “aquela é uma pessoa séria, podemos respeitá-la”. Afinal, que peso sustentar essa necessidade de fazer-se sério, não?! Respeite e acolha suas marcas, deixe-se fluir pelos caminhos por elas abertos. Uma clínica de encontros narrativos é saber criado e compartilhado pelos corpos que a produzem, onde todos somos agentes,



independente da posição que ocupamos. Existimos em potência de multiplicidade e diferenciação constante, produzindo desejo, nos ritmos de encontros de afetar e ser afetado. Pelos caminhos de viver, desejo que seu corpo transborde e se expanda, na leveza da alegria.

## REFERÊNCIAS

BELCHIOR. **Alucinação**. Rio de Janeiro: PolyGram. 1976. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9K3Wj5BZBF4> Acesso em: 22 de agosto de 2018

BAREMBLITT, Gregorio F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

BARONE, L. R. Convidando a clínica a dançar: um ensaio cartográfico da saúde mental na atenção básica. 2017.195f. Tese. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre RS, 2017.

BATTISTELLI, Bruna Moraes. **Carta-grafias**: entre cuidado, pesquisa e acolhimento. 2017. 257p. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Porto Alegre. 2017

CRENSHAW, Kimberly. Documento pra o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. O que as crianças dizem. In: **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, p 73-79. 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. 1977.

\_\_\_\_\_. Introdução: rizoma. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v. 1, p. 11-37, 1995.

\_\_\_\_\_. 28 de novembro de 1947: como criar para si um Corpo sem Órgãos. In: DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v.3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. v.3, p.9-29.

DE MATOS, Maria Izilda Santos; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate**. Unesp, 2003.

DUTRA, Júlia. **Mergulhos de uma psicologia no acompanhamento juvenil**: uma clínica porvir? 2012. 101 f. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Porto Alegre. 2012 Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/53153>

EMICIDA. Ubuntu Fristaili. **O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui**. São Paulo: Laboratório Fantasma. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vLtTpDbvQ5M> Acesso em: 15 de agosto de 2018

FERREIRA, Bia. **Cota não é esmola.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QcQlaoHajoM> Acesso em: 01 de agosto de 2018.

FONSECA, Tânia Maria Galli; ENGEMAN Selda (org.). **Corpo, arte e clínica.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Introdução à Vida não-fascista.** In: Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Anti-oedipus: Capitalism and Schizophrenia*, New York, Viking Press, 1977, pp. XI-XIV. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento.

\_\_\_\_\_. Nascimento da medicina social. In: **Microfísica do poder.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989

\_\_\_\_\_. A vida dos homens infames. In: \_\_\_\_\_. **Estratégia, poder-saber.** Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.203-222, 2003.

\_\_\_\_\_. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 (Ditos e escritos; V).

\_\_\_\_\_. O Pensamento do Exterior In: FOUCAULT, Michel. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009 (Ditos e escritos; III).

\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos IX:** genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

GONÇALVES, Hebe Signorini. Sobre a morte, sobre a vida: a produção da bíos em adolescentes em conflito com a lei. **Revista Polis e Psique**, v. 6, n. 1, p. 65-84, 2016.

GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima; LARA, Lutiane de; ADEGAS, Marcos Azambuja. Políticas públicas entre o sujeito de direitos e o homo oeconomicus. **Psico (Porto Alegre)**, p. 332-339, 2010.

LARROSA, Jorge. *O ensaio e a escrita acadêmica.* **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 101-115, jan./dez. 2003

\_\_\_\_\_. Operação ensaio: Sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação e Realidade**, n.29, v.1, p. 27-43. 2004

LAZZAROTTO, G.D.R; CARVALHO, J.D. de; BECKER, J.L. Acompanhando micropolíticas juvenis: estratégias clínico-institucionais. **Psicol. Soc.** [on-line]. 2013, v.25, n.se2, p. 55-64.

LAZZAROTTO, Gislei Domingas Romanzini. Medidas socioeducativas: cartas ao reinado do saber. **Psicologia em estudo.** Maringá. Vol. 19, n. 3 (jul./set. 2014), p. 503-514., 2014.

**Lei n. 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 1990.

Lei n. 12.594, de 18 de janeiro de 2012. (2012). Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - Sinase. Diário Oficial da União, Brasília, DF.

LUNA, Luedji. Um corpo no mundo. São Paulo: YB Music. 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wCgOz-9rY4I> Acesso em: 05 de agosto de 2018

MAURICIO, Eduardo; MANGUEIRA, Mauricio. Imagens do pensamento em Gilles Deleuze: representação e criação. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro , v. 23, n. 2, p. 291-304, Aug. 2011 .

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Significações do corpo negro**. 1998. 146 f. Tese. Universidade de São Paulo. Programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. São Paulo. 1998

NONATO, Murillo Nascimento. **A imprensa gay no Brasil**: um reforço do comportamento heteronormativo e produção de corpos abjetos. 2013. Disponível em: [www.academia.edu/4934602/A\\_imprensa\\_gay\\_no\\_Brasil\\_um\\_refor%C3%A7o\\_d\\_o\\_comportamento\\_heteronormativo\\_e\\_produ%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_corpos\\_abjetos](http://www.academia.edu/4934602/A_imprensa_gay_no_Brasil_um_refor%C3%A7o_d_o_comportamento_heteronormativo_e_produ%C3%A7%C3%A3o_de_corpos_abjetos) Acesso em: 30 de agosto de 2018.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Líliana (Orgs.) **Pistas do método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PASSOS, Eduardo; BENEVIDES, Regina. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Líliana (Orgs.) **Pistas do método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 150-171.

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. **Fractal Revista de Psicologia**, n.25, v.2, p. 323-338. 2013

ROLNIK, Suely Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**. São Paulo: PUC; 1993. p.241-51

SILVA, Cíntia Vieira da Corpo. e pensamento: alianças conceituais entre Deleuze e Espinosa. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013

SOARES, ELZA. Deus é Mulher. Rio de Janeiro: Deck Disk. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wCgOz-9rY4I> Acesso em: 25 de agosto de 2018

SOARES, Lissandra Vieira. **“Tem que ficar de olho**: trajetórias de mulheres negras acompanhadas pelos serviços da política de proteção social? Uma perspectiva intersetorial”. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre RS, 2017.

SZUCHMAN, K; MATHIAS, F.R.O. O Acompanhamento juvenil como ferramenta no percurso de formação em saúde mental. In: CRAIDY, C.M.; SZUCHMAN, K (Org) **Socioeducação**: Fundamentos e Práticas. Porto Alegre: Evangraf, 2015, p. 225-240.

SZUCHMAN, Karine. À margem da espera: escuta e transmissão de testemunhos de violência. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Porto Alegre. 2017.

VIDAL, Alex. Os jovens em conflito com a lei: construindo vidas descartáveis. In: **Socioeducação**: Fundamentos e Práticas. Org: CRAIDY, Carmem M; SZUCHMAN, Karine. Porto Alegre: Evangraf, 2015, p. 126-142.